

O ENVIADO DO PAI

Sumário

O ENVIADO DO PAI	2
1. “O Mundo Creia Que Tu Me Enviaste” (17,21)	3
2. “O Mundo não o conheceu” (1,10)	10
3. “A Palavra se fez carne”(1,14)	16
4. “Vimos sua Glória” (1,14)	23
5. “A Graça e a Verdade” (1,17)	29
6. “Um Julgamento” (9,39)	37

O ENVIADO DO PAI

Oferecemos aos nossos leitores algumas meditações sobre o quarto evangelho. A originalidade do evangelho segundo João consiste nisto: o autor escolheu dentro da tradição de Jesus alguns temas, destacou-os e apresentou-os em todos os seus aspectos e todas as suas relações. De certo modo, podemos dizer que toda a substancia do quarto evangelho, consta de 15 palavras e que os discursos de Jesus são feitos de todos os jogos possíveis entre essas 15 palavras. Basta citar essas 15 palavras e constatamos que de fato elas anunciam toda a mensagem do evangelho:

Pai - 119 vezes	Gloria - 38 vezes
Enviar - 41 vezes	Conhecer - 88 vezes
Vir - 35 vezes	Discípulos - 77 vezes
Mundo - 77 vezes	Crer - 43 vezes
Fazer - 36 vezes	Verdade - 55 vezes
Obras - 21 vezes	Amar - 44 vezes
Sinais - 16 vezes	Vida - 52 vezes
Testemunho - 46 vezes	

O quarto Evangelho repete incansavelmente os mesmos temas, como se, ao termo da geração apostólica, o ultimo apóstolo quisesse fixar de modo indelével na memória das gerações seguintes a luz que emanou de Jesus. Dessa tentativa resulta este fato extraordinário. Por um lado, a mensagem cristã destaca-se com uma originalidade radical. Por outro, ela se enuncia

com as palavras mais comuns e mais simples do vocabulário humano, aquelas palavras que mais usamos na linguagem corrente de todos os dias. O autor faz com que Jesus apareça ao mesmo tempo como a personalidade mais destacada e como a mais universalmente acessível. Todos os temas do quarto evangelho não fazem outra coisa a não ser apresentar a pessoa de Jesus. A mensagem cristã não se parece com uma filosofia, uma moral, um código, uma doutrina, um catecismo: é apenas a presença de uma pessoa, o impacto da presença de Jesus Cristo no meio dos homens. O evangelho trata de traduzir esse impacto a fim de prolongá-lo nas gerações seguintes.

De acordo com a apresentação de João, a personalidade de Jesus manifesta uma unidade incomparável, uma redução à simplicidade radical: em qualquer momento, em qualquer ato, em qualquer circunstância, ele sempre é o mesmo: o “*enviado do Pai*”, o “*missionário*”, podemos dizer o único missionário, aquele que nunca é nada mais e nada menos que missionário, aquele que reúne o Pai e o mundo. Não os reúne como uma ponte estável reúne duas margens fixas, mas como um movimento, uma passagem, um intercambio entre seres vivos, pessoas vivas.

Daí o título deste opúsculo: *o Enviado do Pai*. O tema da missão é o primeiro de todos, o tema ao redor do qual se organiza a mensagem do quarto Evangelho. Por isso, começaremos as nossas meditações pelo próprio tema da missão. À luz da missão os temas seguintes manifestarão a luz específica que o autor descobriu neles.

1. “O Mundo Creia Que Tu Me Enviaste” (17,21)

O ENVIADO

Quem é Jesus? O quarto evangelho é essencialmente resposta a essa pergunta. E qual é a resposta de Jesus? Ele não declara o seu nome. Dar o seu nome seria definir-se, delimitar-se, manifestar-se como um indivíduo no meio de outros indivíduos. O extraordinário é que Jesus não diz quem ele é; diz donde vem e aonde vai.

Jesus é aquele que vem do Pai e foi enviado por Ele: “dele venho e foi ele que me enviou” (7,28). Enviado pelo Pai, ele vem ao mundo: “veio até os seus” (1,11).

“Enviado” é o nome que permite identificar Jesus: “A vida eterna consiste em que te conheçam a ti, verdadeiro e único Deus, e a Jesus Cristo, teu enviado” (17,3). “Tu me enviaste ao mundo”, diz Jesus ao Pai (17,18) para recapitular a sua existência inteira. Os discípulos chegam a conhecê-lo no momento em que alcançam saber que ele foi enviado: “estes conheceram que tu me enviaste” (17,25). Da mesma maneira Jesus se dá a conhecer ao mundo: “e assim o mundo creia que tu me enviaste” (17,21).

Referindo-se ao Pai, Jesus quase sempre diz: “o Pai que me enviou” (5,23.37ss). Em outras circunstâncias ele não cita o nome do Pai, mas simplesmente diz: “aquele que me enviou” (5,24.30.38; 6,38.39ss). Finalmente ele se designa a si mesmo pela mesma palavra: em lugar de dizer “eu”, diz “aquele que o Pai enviou”: “a obra de Deus é que acrediteis naquele que Deus enviou” (6,29).

Esta insistência no tema da missão coloca Jesus à parte de todas as funções da sociedade. Se um professor é enviado pelo governo para ensinar física, ninguém destacará o fato de ele ser

um “enviado” do governo. O seu valor de professor deriva do seu grau de assimilação da física e o valor da ciência física não depende nem do governo que o enviou, nem dele que foi enviado. O fato de ser enviado é apenas uma circunstancia acidental que deriva de necessidades administrativas (determinar qual será o professor que ensinará física a tal grupo de alunos em tal momento determinado e mais nada). Podemos raciocinar da mesma maneira a propósito de todas as mensagens humanas. O que vale é o conteúdo da mensagem; o mensageiro não importa e muito menos ainda a atividade pela qual o mensageiro se desloca para ir ao encontro dos destinatários.

Assim também, todos nós estimamos os carteiros. Mas ao mesmo tempo, o que valorizamos no carteiro é a diligencia e fidelidade para entregar as cartas, não a própria pessoa do carteiro, por estimável que seja. Aguardamos a chegada da carta e não do carteiro. O que nos interessa são as cartas e não o carteiro.

Ao invés, no caso de Jesus, o que interessa não é a carta e, sim, o próprio carteiro. Ele não traz carta: ele é a carta. Ele não é o mensageiro do Pai que traz uma mensagem do Pai: ele é a mensagem. O Pai não resolveu enviar presentes aos homens por intermédio de Jesus: enviou o próprio Jesus.

Mais ainda: algumas pessoas podem interessar-se pela própria pessoa do carteiro, não só pelo desempenho da função de carteiro - o que não tem atrativo especial - mas pelas qualidades humanas que o carteiro pode manifestar ao lado da sua missão de carteiro: dotes físicos, conversa amena, arte das relações sociais ou qualquer coisa. No caso de Jesus, não se trata de descobrir qualidades que o carteiro teria ao lado da sua missão de carteiro e manifestaria na ocasião do desempenho da sua função. Jesus é carteiro, puro carteiro e mais nada. O que chama a atenção é o seu ser de carteiro. Ele se identifica com a sua missão; é o enviado e mais nada. Não pretende ser nada em si mesmo. Toda a sua realidade consiste em desempenhar a função de intermediário, transmissor, comunicação entre o Pai e o mundo.

Precisamos considerar mais atentamente esse aspecto das coisas, porque estamos com a chave da interpretação do quarto evangelho e da própria mensagem cristã.

O que se nos revela em Jesus é um novo modo de ser humano, ou, melhor dito, o modo de ser autenticamente humano. Ao mesmo tempo essa manifestação de um novo modo de ser constitui uma denuncia da vaidade, da superficialidade do modo de ser que procuram os nossos humanismos tão limitados e tão insuficientes.

Pois, João não pretende destacar o fato de que Jesus teria sido enviado ao mundo uma vez, um dia, como ponto inicial da sua função de salvador. Jesus é o enviado. Ele foi, é e será enviado aos homens. A missão define-o. Ele existe na condição de missionário. Nele se revela justamente o modo de ser humano que é o “ser missionário”.

Esponaneamente tendemos a definir-nos pelo que somos. A consciência de “eu” define-se pelo que “eu sou” em mim e por mim. Percebemos a nossa pessoa pelo que nos delimita e nos separa dos outros: minhas qualidades, tudo aquilo que me está reservado a mim. A nossa consciência de “pessoa” é uma consciência de “proprietários”. Daí, por sinal, a importância dada à propriedade de bens exteriores: a propriedade de bens materiais aumenta essa consciência de ser alguém. Sobretudo numa sociedade capitalista em que se exaspera a consciência de proprietários, as pessoas chegam a viver numa insegurança tão grande em relação a sua personalidade, que a colocam nos bens exteriores e acumulam para ter a impressão de ser. A pessoa acha que “é” pelo que “tem” e naquilo que “tem”. Tal personalidade consiste na autonomia e na separação das pessoas. Nem percebemos que essa vontade de autonomia leva a um verdadeiro esvaziamento da pessoa. Na medida em que a pessoa se fecha em si mesma e nas suas propriedades, ela perde consistência. Porém a insegurança é tal que a pessoa se apega desesperadamente àquilo mesmo que a perde. Ser é,

para ela, estar segura, poder controlar, dominar. O indivíduo busca o seu ser naquilo que ele pode dominar. Daí o símbolo da propriedade humana que é o muro ou a cerca: o outro fica rejeitado como ameaça à pessoa, ao “eu”, que se encontra na defesa do seu isolamento.

Jesus é exatamente o contrário. Ele não tem nem fronteiras, nem muros, nem propriedade. Não “é” nada em si mesmo, por si mesmo. Ele é, na sua totalidade, contato, transmissão, mediação, canal pelo qual Deus se comunica com o mundo. Ele não se defende nem contra o Pai, nem contra o mundo. Ele é movimento. Por ele passa o movimento entre Deus e as criaturas humanas, e ele, Jesus, subsiste nesse movimento. Ele é abertura para o Pai e abertura para o mundo. Não se fecha em si mesmo. Ele “é” o conjunto das suas relações, existe como relação, não tem outra personalidade que o serviço do Pai e das criaturas humanas, está a serviço do Pai e dos seres humanos, isto é, da comunicação entre eles. O seu ser é movimento, organização da transmissão entre o Pai e os seres humanos. Este é o modo de ser “missionário”, o modo “missionário” de ser humano.

O conjunto da narração evangélica mostra o mesmo fato: Jesus não tem vida privada, não se concentra em si mesmo: sempre fala ou escuta; ou fala com as pessoas ou fala com Deus, ou escuta as pessoas ou escuta a Deus. Nunca permanece fora de relações: fora das relações ele não existe. Por isso mesmo ele pode ser chamado “logos”, isto é, “palavra”, ou “voz”: pois ele sempre é palavra: ou recepção ou emissão de palavra; ele é ressonância da palavra do Pai. Se não ressoasse a palavra, ele deixaria de existir.

Evidentemente, não podemos deixar de ver naquilo uma inversão total dos nossos humanismos egocêntricos. Para nós, o amor é uma virtude ao lado de outras, ou uma obrigação, ou uma aspiração, ou uma das satisfações, um dos desafios da vida; para nós o amor sempre é algo ao lado do “eu”. Não há uma pessoa que não se reserva a sua área privada, isolada, ao lado do seu amor que a liga e a ata.

Por outro lado, o modo de ser missionário não está destinado a permanecer apenas no caso único de Jesus. Antes, pelo contrário, a manifestação da missão como modo de ser em Jesus fornece o modelo para todos os discípulos. Devemos entender no seu sentido mais pleno e mais radical as palavras de Jesus: “como me enviaste ao mundo, assim eu os envio ao mundo” (17,18). E após a ressurreição: “como o Pai me enviou, assim eu vos envio” (20,21), o que quer dizer: “assim como o Pai me fez missionário, assim eu faço de vós missionários, transformo-os em missionários”.

No quarto evangelho não há distinção entre a descrição de Jesus, a descrição da Igreja e dos discípulos. A cristologia contém tudo; vendo o que é Jesus, vemos também o que é o discípulo e o que é a Igreja.

OUVIU

O missionário é, em primeiro lugar, a pessoa dirigida para o Pai, aquela que escuta, que permanece radicalmente atenta, que o recebe inteiramente. Nada tem que lhe seja próprio. Tudo o que ela tem é recebido. Essa perspectiva muda totalmente o nosso ponto de vista habitual. Cada um defende a sua personalidade protegendo-se dos outros. Colocamos a nossa personalidade no desenvolvimento daquilo que era “nosso”. Confundimos personalidade e imanência. Ciência e filosofia propuseram-se como expressão homogênea daquilo que já estava na criatura humana. Toda mensagem nova submete-se ao critério daquilo que já éramos antes. O critério da verdade é a continuidade com a verdade anterior. A busca da verdade não é nada mais do que a expressão daquilo que já era conhecido: não pode haver nada de novo: tal pareceu ser a sabedoria.

Ora, Jesus propõe uma conversão, uma inversão radical dessa atitude. Ele substitui a pessoa que se contempla a si mesma para buscar a verdade em si mesma, por uma pessoa que se afasta, se liberta de si mesma para escutar, para receber e viver na espera de uma verdade que se manifesta da parte de fora. Jesus não fala daquilo que é dele, mas fala daquilo que recebeu. Há no quarto evangelho uma negação radical da imanência: ninguém descobre a Deus por reflexão sobre si mesmo, ninguém o conhece por contemplação do ser humano. A pessoa que se contempla a si mesma descobre a sua vaidade e não aprende nada: nem sobre Deus nem sobre a própria pessoa humana.

As negações de Jesus são radicais: “Ninguém jamais viu o Pai; só aquele que vem de Deus, esse viu o Pai”(6,46). “Jamais alguém viu a Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer”. Os próprios judeus, que meditam todos os dias as palavras dos livros sagrados, não conhecem o Pai: fizeram das palavras uma propriedade, um bem próprio; contemplam as palavras e nas palavras assim apropriadas e transformadas em propriedade sua, eles não ouvem nada mais do que a própria voz; nelas a voz de Deus não ressoa. Crêem que ouvem a Deus e apenas se ouvem a si mesmos. Para ouvir a Deus é preciso deixar completamente de se ouvir a si mesmo e ficar numa pura espera, numa pura escuta, estar disposto a receber algo novo. Jesus diz aos judeus aquilo que mais os escandaliza: “Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes a sua face, nem conservais em vós a sua palavra” (5,37s).

Não basta perscrutar as Escrituras. A Igreja também poderá transformar-se em cristandade, instalar o reino de Deus nas suas instituições e tratar a palavra de Deus como uma propriedade. A cristandade crê que detém em si mesma a face de Deus e que basta ser fiel a si mesma para ser fiel a Deus. Acha que na continuidade se encontra o serviço a Deus. Ela nem conhece a Deus. Deixa de reconhecê-lo no momento em que deixa de escutar e aprender, confiando no depósito que detém.

Jesus é aquele que ouve e vê; aquele que vive recebendo. Tudo o que ele tem é recebido. “As palavras que me deste, eu as entreguei a eles” (17,8). Aos discípulos Jesus recorda: “Eu não falei de mim mesmo, mas aquele que me enviou, o Pai, ele me prescreveu o que dizer e de que falar... Portanto, o que eu falo, digo-o como o Pai me disse” (12,49s).

“O Filho, por si mesmo, nada pode fazer, a não ser o que vê fazer o Pai; tudo o que ele fizer, o Filho também fará” (5,19). “Eu, por mim mesmo, nada posso fazer. Julgo segundo o que ouço” (5,30). “Aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, que lhe dá o Espírito sem medida” (3,34).

Ao contrário da pessoa egocêntrica que nada admite que não seja o seu, que não proceda de si mesma, Jesus nada sabe por si mesmo e nada aceita que proceda de si mesmo: ele vive em referência a uma fonte exterior, o Pai.

O missionário nada transmite do seu, e sim transmite aquilo que recebeu.

SABEMOS

A pessoa humana busca segurança na autonomia do universo pessoal, fechada em si mesma, e procura preservar essa segurança defendendo-se contra o exterior. Assim mesmo, mal consegue ocultar a sua insegurança profunda e a vaidade da verdade que possui. Jesus aparece ao mesmo tempo como soberanamente livre, aberto e seguro. Ele sabe e sabe que sabe, e sabe que detém uma mensagem, que ele é uma mensagem capaz de mudar a condição humana. A sua palavra é dotada de uma autoridade radical justamente porque ela não procede dele e sim do Pai. O seu ser missionário é a transparência da autoridade do Pai, a transmissão

da força e da autoridade do Pai ao mundo. Ele não tem nada em si mesmo, mas por ele passa tudo.

Da mesma maneira, Jesus pretende fazer dos discípulos pessoas que sabem, e sabem que são as únicas que sabem. Elas não são depositárias de uma fórmula mágica, de uma ciência mágica, mas sabem que por elas, pela sua atuação, passa uma mensagem do Pai, que o Pai afirma a sua autoridade e atua nas criaturas humanas.

“O Pai ama o Filho e mostra-lhe tudo o que faz” (5,19). “O meu testemunho é verdadeiro, porque sei de onde vim e aonde vou” (8,14). “O que sabemos falamos e o que vimos testemunhamos” (3,11). “O que vem do céu é superior a todos e testifica o que viu e ouviu” (3,31s). Jesus sabe, porque vem do Pai: “Eu o conheço porque dele venho e foi ele que me enviou” (7,29). “Vós não o conheceis, mas eu o conheço” (8,55). “Eu falo o que vi junto de meu Pai” (8,38). “Pai justo, o mundo não te conhece, mas eu te conheci, e estes também conheceram que tu me enviaste” (17,25).

Em Jesus revela-se um Filho que recebe tudo do Pai e não é outra coisa a não ser dom recebido do Pai e manifestação do dom do Pai. A essa relação, o próprio Jesus dá o nome de amor. “O Pai ama o Filho e entregou tudo em suas mãos” (3,35). O amor do Pai não é amor de proprietário e não consiste em orientar para si mesmo o objeto amado. Não é amor de desejo, nem amor de posse. Mas é amor que entrega. O Filho nada é em si mesmo e nada tem para excitar o desejo do Pai. Ele é o dom recebido e o amor consiste numa relação desigual e em duas atitudes interrelacionadas: a que se abre para dar e a que se abre para receber.

Em Jesus manifesta-se o amor do Pai e o próprio Pai no seu amor. Dessa maneira Jesus pode dizer a Filipe: “Quem me viu, viu o Pai. Como podes dizer: - *Mostra-nos o Pai?* Não crês que eu estou no Pai, e o Pai em mim? Não vêm de mim as palavras que vos digo: o Pai que permanece em mim, ele é quem realiza estas obras” (14,9s).

Contudo não nos enganemos no que diz respeito a esse conhecimento do Pai. Jesus não conhece o Pai do ponto de vista do Pai, pelo conhecimento da paternidade. Nem os discípulos podem conhecer o Pai do ponto de vista da paternidade. Alias não se lhes dá a possibilidade de uma participação na paternidade do Pai. Menos ainda conhecemos o Pai de um ponto de vista neutro ou objetivo, por um conhecimento *científico*, como cientista que se coloca fora da realidade que estuda para poder considerá-la *objetivamente*. Não existe conhecimento objetivo do Pai. Jesus conhece o Pai e o seu amor na sua experiência de Filho, como quem recebe, ouve e vê; ele conhece esse amor por ser amado e enviado, por receber o conhecimento. Jesus conhece o Pai na sua própria missão de Filho, como missão recebida, como origem da sua missão, como autoridade e fonte de realidade de tudo o que transmite. O conhecimento do Pai não se separa da missão. Trata-se de um conhecimento vivido num movimento. Na experiência da vida missionária é que se dá esse conhecimento.

Também os discípulos conhecem o Pai e o seu amor na vivência da condição missionária. Eles conhecem-no nessa receptividade, nessa atenção permanente, nesse vazio de si mesmos em que o Pai se comunica realmente. Nessa condição de enviados é que se realiza neles a oração de Jesus: “Fiz-lhes e lhes farei conhecer teu nome para que o amor com que me amaste esteja neles e também eu esteja neles” (17,26). “E o mundo conheça que tu me amaste, e que os amaste como tu me amaste” (17,23). Esse amor do Pai aos discípulos se transmitiu e se realiza dentro e pelo amor de Jesus. O amor de Jesus foi a comunicação do amor do Pai. Na mesma linha o amor dos discípulos será a manifestação do amor de Jesus e do amor do Pai. Suscitou-se uma corrente de amor em que cada elo recebe para comunicar. “Como o Pai me amou, também eu vos amei”(15,9); “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”(15,12).

A Igreja é participação na missão do Filho: é aquela que permanece numa receptividade constante ou volta sem cessar a essa receptividade, aquela que vive dependendo da autoridade do Pai, cuja função consiste em desaparecer ante a revelação do amor do Pai.

Assim devemos dizer que a Igreja não se pode definir nem com categorias de instituição, nem com categorias de comunidade. Pode ter aspectos de ambas, mas não é nem uma, nem outra. A Igreja tem a sua realidade na missão: no movimento que procede do Pai e a leva para o mundo. Se ela se concentra na instituição, sucede o que sucedeu com os fariseus: ela faz das palavras de Deus um depósito, uma propriedade, um código de costumes, leis, expressões com as quais ela se identifica; ela se contempla a si mesma no momento em que crê contemplar a Deus: contempla o seu próprio vazio. A igreja tampouco é comunidade: pelo menos o seu ser não procede da colocação em comum dos homens que se reúnem nela; a comunidade autêntica é a comum submissão e obediência à palavra e à obra que procedem do Pai. A autoridade sempre é superior à comunidade. Por isso mesmo a comunidade jamais se regula como se regulam comunidades humanas: nestas não há mais do que uma soma dos indivíduos. Ora, as pessoas chegam a ser realmente pessoas na medida em que se abrem para a fonte superior donde procede a palavra, e também para o mundo - aspecto que devemos agora examinar.

VIM AO MUNDO

O tema da vinda completa o movimento da missão. Jesus foi enviado e cumpriu: veio. De novo estamos diante de um tema dos mais destacados do quarto evangelho. “Saí do meu Pai e vim ao mundo”(16,28). “Eu saí de Deus e dele venho; eu não vim porque quis: foi ele quem me enviou” (8,42). Marta confessa: “Eu creio seres tu o Cristo, o Filho de Deus que veio ao mundo” (11,27) “Eu vim”, “eu vim ao mundo”, assim se expressa o segundo aspecto do movimento da missão. Assim como a missão, a vinda define o modo de ser de Jesus: ele *vem* permanentemente.

Vem aonde? Ao mundo. Jesus dirige-se ao mundo. Esse mundo não lhe é totalmente estranho. Pois ele já “estava no mundo” (1,10); “por ele tudo foi feito, e sem ele nada se fez de tudo o que foi criado” (1,3). “Veio até os seus” (1,11).

Porém “os seus não o receberam” (1,11); “o mundo não o conheceu” (1,10). Foi recebido como um estrangeiro. Eles não o esperavam, nem o reconheceram. Antes, trataram-no como elemento estranho e indesejável. Não reconheceram em si mesmos a voz da origem que devia ter mostrado a consonância radical entre as palavras de Jesus e o fundo da consciência de cada um.

Contudo, Jesus vem: não espera o convite. Ele se impõe. Assim é a condição do missionário. A iniciativa é dele. A missão jamais começaria se tivesse que aguardar um convite ou esperar até que as condições fossem favoráveis. A missão não espera o contexto, mas cria o seu contexto. A missão não espera que se lhe mostre a sua possibilidade: ela cria a sua possibilidade pelo ato.

As ciências humanas contemporâneas sublinharam muito a especificidade das culturas e as dificuldades das comunicações entre elas. Tendem a fazer aparecer de certo modo a impossibilidade de traduzir e de comunicar uma mensagem em outro contexto cultural. Já que o cristianismo procede sempre do exterior, a ciência mostraria a impossibilidade de que exista o cristianismo na história.

Com certeza, o estudo da linguagem mostra até que ponto o homem criou uma cultura sua para se proteger, se fechar em si mesmo e se defender contra a invasão e a dominação exterior - a dominação usa também os instrumentos culturais.

A irredutibilidade das culturas tende a desanimar toda tentativa missionária. Em certos casos, ela levou a propor certas posições pastorais que são válidas até certo ponto e de modo muito relativo. Assim a evangelização do semelhante pelo semelhante. O evangelho tende a mostrar que, muito pelo contrário, a evangelização radical é obra do estrangeiro. Uma mensagem comunicada pelo semelhante ao semelhante reduz-se facilmente a um puro monólogo. O interlocutor ouve-se a si mesmo e encontra prazer e satisfação na palavra, porque ele se ouve e se reconhece. Com essas condições não há evangelização possível. Pois esta vem da parte de fora e exige que o sujeito se abra a uma novidade e esteja disposto a romper os seus hábitos mentais e vivenciais. Jesus foi um estrangeiro, e todos os missionários também aparecem como estrangeiros. Não procuram ocultar essa condição. Jesus não quis atenuá-la no caso dos seus discípulos: não os mandou para os seus semelhantes e sim para todas as nações do mundo cuja cultura lhes era completamente alheia.

Pois a missão não é propriamente contato de duas culturas, nem traduções de uma cultura para outra. A missão é movimento que parte de um ponto anterior à qualquer cultura - o amor do Pai -, e chega a um ponto ulterior à qualquer cultura - o ser humano situado além de todos os seus sistemas de proteção e defesa, a pessoa desarmada e aberta à pessoa.

As culturas podem fornecer ajuda e colocar os seus instrumentos a serviço da evangelização. Porém, ao mesmo tempo e mais talvez do que uma ajuda, elas constituem obstáculos. Crer na missão e na condição missionária é crer na possibilidade de ser criatura humana e de realizar obras humanas cujo significado vai além de uma cultura e atingem um fundo humano comum. Os atos e o modo de ser de Jesus não são expressões de uma cultura, mas transmitem uma realidade compreensível por todas as pessoas. Crer na missão é também crer que há em todas as pessoas uma abertura fundamental, uma capacidade de recepção de mensagens situadas além da cultura, um apelo virtual a uma luz própria. Crer na missão é crer que a pessoa não fica presa dentro da sua cultura, isto é, dentro de uma personalidade autônoma e fechada.

Jesus vive em função do Pai de quem recebe a totalidade de seu ser, e vive em função do mundo ao qual deve transmitir a mesma totalidade do seu ser. Vive numa dupla submissão, dupla fidelidade, que é *uma* submissão e *um* só modo de ser: o modo de ser passagem, transmissão, movimento. O missionário ouve, escuta para se dirigir àquela semente que nos seus irmãos está também disposta ouvir e escutar. O amor de que fala o quarto evangelho, longe de ser círculo fechado, é corrente e comunicação. Amar não é orientar para si mesmo, e sim transmitir o que foi recebido, continuar a transmissão; amar não é dar do seu e sim dar daquilo que foi dado por outro, receber e comunicar o recebido, a fim de que o movimento prossiga.

Jesus diz: “O Pai e eu somos um” (10,30); “O Pai está em mim e eu no Pai” (10,38). Jesus reza: “Que todos sejam um! Como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti. Eles sejam um em nós” (17,21). Porém essa unidade não é redução ao mesmo, não é identificação de todos no mesmo modelo, nem integração numa única estrutura. A unidade de que se trata procede do movimento de comunicação. Entre o Pai e o Filho existe a unidade entre o que envia e o que é enviado: os dois modos de ser se complementam e se harmonizam completamente formando uma unidade dinâmica. Da mesma maneira entre as pessoas humanas e o Filho, entre as próprias pessoas haverá a unidade de movimento e de circulação.

Numa instituição, a unidade procede da submissão de todos a uma mesma estrutura: impõe-se a todos a mesma atitude transformada em costume; a autoridade deriva da própria instituição

e os dirigentes são servidores da instituição. Numa comunidade, a unidade procede do consentimento e da convergência de todos os associados, e a autoridade emana da vontade comum; os dirigentes atuam em nome dos sócios que representam. Na Igreja de Jesus Cristo, a unidade deriva do movimento que procede do Pai e se estende ao mundo. Cada membro é um elo numa corrente. Cada um recebe de outro; o amor do Pai manifestado no Filho comunica-se a cada um pela mediação de outros. Cada um permanece atento ao outro de quem procede a manifestação de Jesus Cristo; a unidade procede da vontade de receber fielmente e da atenção ao outro. Pois não recebemos a luz de Cristo do nosso semelhante como um eco da nossa própria consciência, e sim do estrangeiro que nos fala a partir de outra linguagem e nos obriga a sair das nossas fronteiras pessoais. Por outro lado, a unidade procede também do movimento para os outros, para o mundo, para todo homem, caracterizado justamente como outro. A unidade procede da vontade de sair da própria personalidade para buscar o encontro com o outro que é diferente e na sua diferença, sem o obrigar a entrar na nossa diferença. A unidade procede dessa dupla explosão das fronteiras: as fronteiras que nos separam da origem e as que nos separam do destino final. A unidade procede da dupla fidelidade ao Pai e ao mundo numa submissão à corrente que passa. Trata-se de uma unidade de circulação de transmissão. A autoridade procede do Pai, origem de todo o movimento e os dirigentes não são outra coisa a não ser os incentivadores do movimento e os guias da autenticidade.

Conhecer a Jesus é reconhecer nele o missionário. Assim diz o próprio Jesus dos discípulos: “Agora conheceram que tudo quanto me deste vem de ti, porque as palavras que me deste, eu as entreguei a eles, e eles as receberam e conheceram ser verdade que eu saí de ti, e creram que tu me enviaste” (17,7s).

2. “O Mundo não o conheceu” (1,10)

CONHECIA A TODOS

A missão não será nenhuma marcha triunfal. Se for recebido com entusiasmo, o missionário saberá que o entusiasmo é superficial e fictício. Pois o mundo não conhece nem o Pai, nem o enviado do Pai. A missão não há de superar somente as barreiras culturais, mas também uma barreira muito mais radical, a ignorância por parte do mundo.

Na linguagem de João, o mundo são os homens, e aqueles que João chama de judeus representam a totalidade dos homens, isto é, o mundo. A rejeição de Jesus pelos judeus significa a sua rejeição pelas pessoas em geral. Pois os acontecimentos referidos pela narração evangélica revelam uma situação muito mais global, o próprio drama da humanidade. O conflito entre Jesus e o povo de Israel mostra, num episódio particular da história, o que aconteceu e acontecerá em todas as gerações e todos os povos.

Pois bem. Somente conhece o mundo quem conhece o Pai. Por isso mesmo as pessoas que não conhecem nem o Pai, nem o Filho, nem se conhecem a si próprias. Os judeus não sabem o que há no seu próprio coração. Não se conhecem. Somente Jesus pode dar-lhes a conhecer o seu próprio coração e a sua natureza real.

Os judeus julgam-se piedosos, religiosos. Confiam na geração carnal e se atribuem os méritos de Abraão, porque têm com ele um laço carnal. Este fato exterior oculta aos seus próprios olhos o que de fato há por trás dessa descendência carnal. “Nosso Pai é Abraão” (8,39). Consideram-se filhos de Deus, porque são proprietários das palavras de Deus e essa propriedade oculta a impiedade que existe por trás da fachada religiosa: “Nós não somos bastardos. Temos um só Pai, que é Deus” (8,41). Na realidade, somente Jesus viu o que eles eram: “Vós tendes o diabo por pai e quereis cumprir os desejos de vosso pai” (8,44).

A crítica científica e filosófica sabe algo dessas ilusões que as pessoas criam para si mesmas a fim de ocultar a sua realidade; desmascarou alguma coisa dos revestimentos que escondem a verdade. Grande parte da cultura é reação de defesa contra a verdade. Assim como grande parte da preocupação de cada indivíduo tem por objeto a fachada que é preciso salvar aos olhos dos outros, assim também as coletividades valorizam ideologias que lhes fornecem um pouco de segurança e de tranquilidade. A autodefesa gera as mentiras, as mais radicais, aquelas pelas quais as pessoas se enganam a si mesmas. Jesus desmascarou tudo isso de uma vez. Os judeus, isto é, o mundo, são filhos do diabo porque este “é mentiroso e pai da mentira” (8,44), e eles vivem criando mentiras, para salvarem alguma coisa da sua segurança. Assim também somos nós. Elaboramos razões, motivos, justificativas para convencer-nos a nós mesmos de que tínhamos razão e esconder a nossa própria covardia, a deslealdade, a falta de amor. Da mesma maneira, as coletividades, os povos, as classes, os governos secretam ideologias para defenderem e justificarem a injustiça, a dominação, a exploração dos seres humanos pelos próprios seres humanos. Essa função é inconsciente, espontânea. Para poder perceber a existência da mentira na nossa existência, nós já precisamos estar a caminho da salvação. Quem vive na mentira nem pode perceber que está nela. Crê-se “filho de Abraão” ou “filho de Deus”. A consciência de inocência é justamente a manifestação exterior mais clara da mentira fundamental do mundo.

Por ser enviado do pai e ter vindo do céu, Jesus salva o que há no ser humano e não se deixa enganar nem pelas manifestações de entusiasmo. “Jesus não se fiava neles, porque os conhecia a todos, e não tinha necessidade de ser informado a respeito de quem quer que fosse, pois bem sabia o que havia dentro de cada um” (2,24s).

Vários episódios ilustram o modo como Jesus conhece o que há na pessoa.

Ele não se deixa impressionar pela ciência do fariseu Nicodemos. Pois sabe que por trás dessa ciência se esconde uma ignorância do essencial: “És o mestre em Israel e o ignoras?” (3,10). O próprio Nicodemos não sabia que era ignorante.

Diante do escândalo dos judeus, porque o paralítico foi curado no sábado e o paralítico carregou o leito no sábado, Jesus replica: “Além disso, vos conheço: não tendes em vós o amor de Deus” (5,42).

Depois da multiplicação dos pães, a multidão entusiasmou-se. Mas Jesus sabe da vaidade dessa reação: “vós me procurais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes e ficastes satisfeitos” (6,26). Veio o discurso que explicou os sinais e os próprios discípulos começaram a murmurar. “Percebendo que seus discípulos murmuravam sobre isto, Jesus lhes disse: “Isto vos escandaliza?... As palavras que eu vos tenho dito são espírito e vida. Alguns de vós, porem, não crêem” (6,61-64). O evangelista acrescenta: “Pois Jesus sabia já desde o começo quais os que não criam, e quem era o que havia de entregá-lo” (6,64). De fato, Jesus disse aos Doze: “Não vos escolhi eu, os Doze? No entanto, um de vós é um demônio”. Falava de Judas, filho de Simão Iscariotes. Este o havia de entregar sendo dos Doze” (6,70s).

Ele anuncia aos judeus que eles querem matá-lo, antes que eles próprios tomem consciência dos seus planos. “Quando houverdes levantado o Filho do homem...” (8,28). “ Bem sei que

sois posteridade de Abraão, no entanto quereis matar-me, porque minha palavra não penetra em vós” (8,37).

OS SEUS NÃO O RECEBERAM

“A luz refulge nas trevas” (1,5). O mundo permanece nas trevas. A presença da luz foi justamente o que manifestou a diferença entre luz e trevas. A luz revelou o estado de ignorância do mundo. Jesus é um revelador que faz o que há na realidade. O quarto evangelho salienta com uma insistência notória a incompreensão dos judeus. Não pretendia com isso destacar um fato isolado no mundo, e sim manifestar a condição humana universal. Se os judeus, que receberam as sagradas escrituras, reagiram assim, o que pensar dos outros? O mundo não pode ver, nem entender, nem perceber. Não sabiam que estavam nas trevas. Mas o desconhecimento de Jesus mostra que toda a sua religião é fictícia. Não somente os homens não conhecem a Deus, o Deus verdadeiro, mas a ciência que imaginam ter dele é justamente o que os mantém mais tranquilamente na ignorância.

Nenhum de nós pode sentir-se fora de perigo. A nossa religião também pode ser uma construção nossa para defender a nossa personalidade contra a invasão do verdadeiro Deus e o nosso culto a Jesus pode ser uma falsa garantia que elaboramos para o uso pessoal ou coletivo para evitar o impacto do verdadeiro Cristo. Os judeus invocaram a Deus para se defenderem contra a presença verdadeira de Deus, e nós podemos invocar a Jesus como uma defesa igualmente ilusória. O quarto evangelho mostra em fatos e episódios concretos aquilo que refere a parábola de Mt 25: “Senhor, quando é que te vimos com fome ou com sede, estrangeiro ou nu, doente ou no cárcere?”(Mt 25,44).

Quem se opôs a Jesus, não foram os criminosos comuns, os malfeitores, não foram aqueles que a voz pública acusa espontaneamente quando sucede um crime na região; não foram pessoas conhecidas como pecadoras. Pelo contrário, foram justamente pessoas de bem, conhecidas e afamadas no meio do povo. Eles não o desconhecaram, nem o desprezaram, nem o rejeitaram a partir das suas fraquezas ou dos seus pecados (no sentido comum da palavra) e sim a partir das suas forças e das suas virtudes (ou daquilo que se toma habitualmente por virtude). Não se explica a sua incompreensão pela debilidade humana, e sim pela força humana, por toda uma força mobilizada numa atitude de autonomia, e fechamento em si mesmo, de autodefesa.

“Havia entre os fariseus um de nome Nicodemos, um dos principais entre os judeus”(3,1). Porém a sabedoria dele tropeça desde as primeiras palavras de Jesus: “Como pode acontecer isso?” (3,9). Jesus desnorteia: rompe os esquemas preparados, não se exprime dentro das colocações habituais, não se situa no pondo de vista do outro; ele vem para romper as falsas seguranças e abrir os ouvidos e os corações. Nicodemos deve sentir ou pressentir isso como ameaça e prefere não entender.

Jesus expulsou os profanadores do templo. Os judeus interpelaram-no: “Que sinal tu nos apresentas para agir assim?” (2,18). Não podiam compreender os motivos de Jesus. Estes não cabiam dentro da sua concepção de religião.

Escandalizavam-se os judeus porque Jesus “fazia tais coisas no dia de sábado” (5,16). Tratava-se de curar o paralítico. No capítulo 8, o evangelista apresenta um longo diálogo entre Jesus e os fariseus. Porém não se trata de um dialogo e sim da narração a impossibilidade de um diálogo entre eles. O redator sublinha a incompreensão dos judeus: “Objetaram-lhe os fariseus: *Tu testificas de ti mesmo, logo o teu testemunho não é*

verdadeiro” (8,13). “Onde está o teu Pai?” (8,19). Comentavam os judeus: “Será que ele quer suicidar-se?” (8,22). Aparteavam-no então: “Afinal, quem és tu?” (8,25).

Depois da cura do cego de nascença, eles chegam à conclusão seguinte: “Este homem não vem de Deus, pois não observa o sábado” (9,16). Finalmente a ressurreição de Lázaro foi o que legitimou o decreto de morte. O escândalo tinha chegado ao ponto final.

O escândalo não se situa no nível de uma hipocrisia superficial. Os fariseus não fingem não compreender. Realmente não compreendem, porque não podem. E não podem porque tomaram na vida uma atitude que não acolhe o modo de ser de Jesus. Para poderem compreender, eles teriam que desarmar todo o sistema em que baseavam o seu equilíbrio pessoal e o equilíbrio da sociedade.

Jesus não revela que não querem compreender (no nível superficial da vontade explícita), mas que não podem compreender. Por isso mesmo, para que pudessem compreender, não teria sido uma solução um maior esforço para explicar melhor. As explicações não podiam senão reforçar a incompreensão.

“O Pai que me enviou dá testemunho de mim. Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes a sua face, nem conservais em vós a sua palavra, porque não acreditais naquele que o enviou” (5,37s). “Eu vim em nome de meu Pai e não me recebeis; se outro vier no seu próprio nome, certamente o haveis de receber” (5,43). Como é possível os fariseus darem mais confiança a uma pessoa que vem em nome próprio do que ao enviado de Deus? Simplesmente porque uma pessoa semelhante a eles não os obrigaria a mudar o seu sistema. Ela falaria a mesma linguagem e reconheceriam nela os acentos da sua própria voz. Poderiam discordar nos detalhes, mas estariam todos dentro do mesmo sistema, e acontece que Jesus obriga a mudar todo o sistema e todas as referências.

“Vós não sabeis de onde venho nem para onde vou” (8,14). “Não conheceis a mim nem conheceis meu Pai”(8,19). “Qual é a razão pela qual não compreendeis minha linguagem? É porque não sois capazes de escutar minha palavra” (8,43).

Jesus lhes falou do pastor e das ovelhas, mas “eles não compreenderam o significado do que dizia” (10,6). Se não o compreenderam não poderão mais tarde receber o Espírito da verdade “que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece” (14,17). Se quiseram matar a Jesus, “virá a hora, na qual, quem vos matar, pensará estar agradando a Deus. Chegarão a isto, por não haverem conhecido nem ao Pai, nem a mim” (16,2s).

Jesus pode condensar a sua experiência do mundo numa palavra da oração da ceia: “Pai justo, o mundo não te conheceu!” (17,25).

O desconhecimento é tão radical que eles que são filhos do demônio (8,44), descobrem o demônio em Jesus: “Não dizíamos acertadamente que és um samaritano e um possesso de demônio?” (8,48). “Agora estamos seguros de que estás possuído pelo demônio” (8,52).

A incompreensão do mundo não é apenas fato intelectual. É uma rejeição completa, uma vontade de expulsar da sociedade e da humanidade o corpo estranho que perturba e inquieta. Os judeus não o perceberam logo, mas Jesus sim: essa incredulidade situa-se num nível fundamental e inclui a morte. Daí podemos perguntar-nos a respeito de uma Igreja, de mensagens ou de um evangelho que encontram apenas êxito, bom acolhimento, favores e privilégios, honras e regalias. Se as pessoas nos recebem assim, será que as nossas palavras não são apenas a expressão das ideologias e das falsas razões pelas quais as pessoas procuram reforçar a segurança e a tranquilidade?

De qualquer modo, o quarto evangelho não pretende atribuir a culpa da morte de Jesus à maldade de alguns indivíduos e sim à oposição entre Deus e o mundo.

“Os judeus procuravam matá-lo; pois não só violava o sábado, mas dizia ser Deus seu próprio Pai, fazendo-se assim igual a Deus” (5,18). “Depois disto, percorria Jesus a Galiléia, não

querendo passar pela Judéia, visto que os judeus queriam matá-lo” (7,1). Mais tarde subiu ao templo para a festa e interpelou os judeus: “Por que procurais matar-me?” Respondeu o povo: “Estás possesso de demônio; quem quer matar-te?” (7,20). O povo não sabia, mas alguns no meio do povo sabiam sim e se admiravam porque o deixavam falar: “Não é este que procuram matar? Eis que fala publicamente e ninguém lhe diz nada. Será que os nossos chefes reconheceram ser este o Cristo?” (7,25s). Na realidade não era essa a explicação. “Os sacerdotes chefes e os fariseus mandaram alguns guardas para prendê-lo” (7,32). Mas ninguém se atreveu a fazê-lo porque parecia que o povo ia defendê-lo (7,44-48). João explica: “ninguém o prendeu porque ainda não tinha chegado a sua hora”(8,20).

Mais tarde os judeus responderam diversas vezes aos discursos de Jesus apedrejando-o. “Apanharam pedras para atirar nele; mas Jesus se escondeu e saiu do templo”(8,59).

Porém chegou a hora. Depois da ressurreição de Lázaro os chefes do povo resolveram matar a Jesus e procuraram uma oportunidade para prendê-lo. Desde então, de acordo com a narração do evangelista, multiplicam-se os sinais da proximidade da morte (11,45-57; 12,7.9-11.27-28.31-36; 13,1.21-30). Finalmente a narração da paixão e da morte mostra como os chefes do povo, os fariseus, os sacerdotes o perseguiram e não descansaram até que o governador romano cedesse as suas injunções e o entregasse ao suplicio da cruz.

A narração da paixão faz aparecer o conflito, a oposição e a incompatibilidade entre o enviado do Pai e o mundo: “o mundo não o conheceu” (1,10).

É verdade que nem todos manifestam a mesma vontade homicida que mostraram os chefes, os fariseus e os sacerdotes. O evangelista faz distinção entre o grupo dos chefes do povo - aqueles que finalmente dirigem todo o processo e impõem a sua vontade -, e as massas, o povo, como diz ele (7, 12.43...).

O povo hesita e muda. Às vezes, quer ficar com Jesus para proclamá-lo rei (6,15). Outras vezes ficam perplexos e não sabem o que pensar. “Havia muito falatório entre o povo a seu respeito. Diziam uns: *Ele é bom*. Outros: *Não; ele seduz o povo*. Ninguém, entretanto, falava publicamente dele, por medo dos judeus” (7,12s). Uns diziam: “Verdadeiramente este é o profeta!” Outros: “Este é o Cristo!” Mas outros replicavam: “Pode vir o Cristo da Galiléia?” Não está escrito que o Cristo sairá da posteridade de Davi e de Belém, a aldeia de que era Davi? “Originou-se daí dissensão entre o povo” (7,41-43).

Quando Jesus subiu a Jerusalém para a última páscoa, uma multidão o acompanhou e lhe fez festa (12,12-19). Tinham ficado impressionados pela ressurreição de Lázaro. Contudo, esse povo não se manifestou nos dias seguintes quando Jesus foi preso. Perderam as ilusões. A sua confiança precisava de segurança e de impressão de força. Na hora decisiva o povo resignou-se a aceitar o que os chefes resolveram. Esse povo não conheceu a Jesus. Não queriam matá-lo porque não tinham poder para isso, mas aceitaram a sentença de quem tinha essa poder. Esse povo indeciso e finalmente covarde é outro aspecto do mundo. Não é dado a todos perseguir os missionários: mas a todos fica a possibilidade de serem covardes. Poucos entre nós, certamente teriam a coragem de assumir a responsabilidade de levar alguém para a morte. Mas todos nós temos o necessário para aceitar a cumplicidade do silêncio, da fuga e da covardia.

Finalmente o mundo revela a sua natureza nos próprios discípulos. Eles também não parecem compreender: “É dura essa linguagem. Quem a pode ouvir?” (6,60). É verdade que na hora do perigo Tomé declarou: “Vamos também e morramos com ele!” (11,16). Mas essa declaração era mais generosa do que a capacidade real. No momento em que Jesus foi preso, todos fugiram e Pedro o negou.

O PODER DAS TREVAS

Qual será a razão da incompreensão do mundo, a razão pela qual o mundo não pode conhecer a Jesus, o enviado do Pai? Quais são as raízes da rejeição e Jesus pelos judeus - e por todos os judeus que são todos os povos da terra?

Esse problema é um dos temas principais dos discursos recolhidos pelo quarto evangelho. Ora, as diversas respostas de Jesus convergem. Diante da luz, vai para a luz quem é luz em si mesmo e vive na luz; foge e prefere as trevas quem é trevas e vive nas trevas. Isto quer dizer o seguinte: Quem é da mesma natureza do Filho e do Pai se reconhece em Jesus e vai a ele. Quem é de outra natureza, não o reconhece e se afasta. O mundo não pode conhecer a Jesus porque vive de outro modo: o mundo não é missionário como o Filho, não se identifica com essa corrente de amor, com a comunicação que o Filho faz. O mundo vive uma atitude oposta a essa: vive concentrado em si mesmo e buscando a sua salvação em si mesmo; buscando a sua salvação, ele se perde.

Jesus anuncia-o a Nicodemos primeiro: “O que nasce da carne é carne; o que nasce do Espírito é espírito. Não te admires do que eu disse: que vos é necessário nascer do alto” (3,6s). “O que vem do alto está acima de todos; o que vem da terra é terrestre e fala as coisas da terra” (3,31). Que significam essas imagens? Que para compreender o que procede do *alto*, do *Espírito*, é preciso ser da mesma natureza. Quem vem do *alto*, quem é do *Espírito*, a não ser o próprio Jesus? Porém o mundo procede de outra origem: não se inspira na mesma fonte e vive de outro modo.

“A luz veio ao mundo e os homens preferiram a escuridão à luz, porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, para que suas obras não apareçam no claro. Mas aquele que pratica a verdade aproxima-se da luz, para que apareçam as suas obras, porque são feitas em Deus”(3,19-21). Essas obras - que coincidem com a prática da verdade ou da mentira - constituem o contrário das obras realizadas por Jesus. As obras más designam a incredulidade, a rejeição da fé. As obras boas são justamente a fé e o conhecimento de Jesus. Que quer dizer Jesus? Quem se aproxima dele o faz em virtude de uma semelhança radical no modo de ser. Quem foge longe dele mostra que vive de outro modo. Há dois modos fundamentais de ser. O mundo vive de acordo com um modelo incompatível com Jesus: é o contrário da missão, é a criatura isolada, separada, voltada para si e não para os outros.

A grande controvérsia do capítulo 8 do evangelho de João desenvolve esses temas. “Vós sois cá de baixo, eu sou lá do alto. Vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo” (8,23). Ser do alto é ser de Deus; ser do mundo é não ser de Deus. Não se trata aqui de uma origem material ou local. Trata-se de duas maneiras de ser.

Ser do mundo é ser filho do demônio. Este lembra os primeiros capítulos do Gênesis: o diabo é morte e mentira. As suas armas são o homicídio e a mentira; pela mentira leva os homens à morte, à destruição. Quem é da mesma ordem e do mesmo sistema, é levado a praticar também a mentira - rejeitando a verdade, - e o homicídio, - perseguindo e matando aquele que defende a verdade.

Um modo de ser é: negação da verdade, negação de Deus até a morte, até o ponto de matar. O outro modo é aceitação da verdade, aceitação do Pai. Em que consiste a diferença na prática? Jesus não o explicita porque a totalidade do evangelho o mostra claramente. De um lado, quem pertence à raça de Jesus vive com ele; do outro lado está quem faz exatamente o contrário.

Disse-lhes Jesus: “Vós tendes o diabo por pai, e quereis cumprir os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque não há nele verdade;

quando ele mente, faz o que lhe é próprio: ele é mentiroso e pai da mentira. Pelo contrário, a mim, que digo a verdade, vós não dais crédito... Aquele que é de Deus ouve as palavras de Deus; se vós não me ouvís, é porque não sois de Deus (8,44-47).

PERMANENCIA DO MUNDO

A oposição entre Jesus e o mundo é uma dimensão permanente da história. A perseguição dos discípulos atualiza a perseguição e a morte de Jesus. Os missionários que continuam a presença e o modo de ser do Filho suscitam, manifestam a presença do *mundo* entre os homens. O desempenho da missão provoca entre os seres humanos a mesma divisão. O mundo não teria consciência de ser *mundo*, diferente de Deus, contrário a ele, se não houvesse a atividade da missão.

“Se o mundo vos odeia, sabeis que me odiou antes de vós. Se vós fosseis do mundo, amaria o mundo o que era seu; mas porque não sois do mundo, e vos separei do mundo, o mundo vos odeia” (15,18s).

Se a missão encontrasse aceitação unânime, seria sinal claro de falta de autenticidade. Contudo não se pode identificar em qualquer forma de oposição o antagonismo radical entre Deus e o mundo. Há contradições que não são de modo algum evangélicas, ou que são ambíguas demais para fornecerem critérios seguros.

Completamente alheia ao evangelho seria uma oposição entre material e imaterial, como se o mundo fosse a realidade material e Jesus o representante da realidade imaterial. O mal estaria na matéria e a salvação na luta contra a matéria e no refúgio no imaterial. No Novo Testamento, Espírito não quer dizer imaterial, e sim vida, dinamismo, amor, comunicação.

O mundo não é tampouco a sociedade humana distinguida dos mosteiros, ilhas de paz e refúgio de tranqüilidade. O mal não é a sociedade humana, nem a sua história; nem o bem se confunde com o isolamento ou a solidão. Muito pelo contrário, Jesus vive a sua missão completamente mergulhado no meio das massas humanas.

Finalmente, o mundo não se confunde com a sociedade civil ou profana da qual se distingue uma Igreja concebida como sociedade ou instituição religiosa. A luta contra o mundo não pode ser simplesmente a defesa da instituição eclesiástica contra a sociedade civil ou a famosa rivalidade entre Igreja e Estado, tradicional na história da cristandade.

Cristo e o mundo representam dois modos de ser: o do homem aberto à missão segundo o modo de ser do Pai e do Filho, e o do homem fechado em si mesmo e refugiado no seu egocentrismo (individual ou coletivo).

O mundo não se identifica com determinado conjunto de seres humanos. O mundo permanece como pólo oposto à missão. Mas as pessoas podem mudar e passar do mundo para a categoria dos discípulos, das trevas para a luz. Ninguém pertence a esse mundo por natureza. Nesse sentido, a missão não se encontra com uma barreira intransponível. A sua sorte não será nem o êxito nem o fracasso, mas a separação entre os seres humanos.

A missão é um revelador: ela manifesta e provoca uma divisão. Provoca a divisão porque obriga as pessoas a fazerem uma opção. Manifesta-a porque essa opção não é puramente gratuita, nem imprevisível, mas revela uma situação latente. “Se eu não tivesse vindo, e não lhes houvesse falado, não teriam pecado; agora, porém, não há desculpa para seu pecado... Se não tivesse feito entre eles obras que nenhum outro fez, não teriam pecado; mas agora as viram e, não obstante, me odeiam a mim e a meu Pai” (15,22-24).

Frente a esse mundo, os missionários são enviados não para condenar, nem para rejeitar, nem para destruir esse mundo, nem para lhe anunciar um castigo divino, mas para salvá-lo, para arrancá-lo da sua incredulidade, da cegueira, da mentira, da morte, do desconhecimento do Pai.

Como atua a missão no concreto? Já esta na hora de sairmos da perspectiva global para entrarmos no exame da prática.

3. “A Palavra se fez carne”(1,14)

AS OBRAS

O enviado de Deus se fez carne, diz o prólogo do evangelho. Essa *encarnação* não significa apenas o que aconteceu no momento da concepção. Pois a vinda do Filho na *carne* é uma operação permanente. A *palavra* se fez carne em todos os momentos da vida de Jesus. A *encarnação* inclui naturalmente aquilo que o Concílio de Calcedônia destacou como a expressão da união de duas naturezas numa só pessoa. Porém o evangelista salienta sobretudo, os aspectos concretos da *encarnação*. Quem se encarna é o enviado, a palavra, esse movimento que procede do Pai, é dinamismo do Pai, amor ativo, expansão do Pai. A *carne* é a pessoa que vive e atua, é o conjunto das capacidades de ação da pessoa. A carne é a pessoa *trabalhadora*, já que o trabalho é a atividade própria da pessoa humana. Portanto, a fórmula de encarnação de João significa que o dinamismo do Pai entrou nas capacidades de trabalho do homem: o Filho, com todo o seu dinamismo de enviado, começou a trabalhar com todos os recursos do trabalho humano.

O que é trabalhar? Transformar o mundo, isto é, transformar os homens, e, pelos homens, também a natureza. Não transformar por decreto, nem por forças mágicas, nem pela oração pura, uma oração que deixaria a Deus toda a tarefa. Trabalhar é exercer todas as forças humanas, mentais e corporais, para produzir efeitos reais, concretos de transformação da matéria e da cultura. É isso mesmo que Jesus vem fazer.

O missionário não é o professor que entrega idéias ao interesse ou à falta de interesse dos alunos, sem exercer nenhum influxo direto. Não é o propagandista de um culto ou de uma religião que vem fundar ou ampliar a celebração de um Deus ou de um Santo. Não é o militante de um partido ou de uma organização que pretende fortalecer uma instituição. O missionário é um trabalhador e o trabalhador busca a eficiência, o resultado. Não se contenta com intenções, com palavras, com gestos simbólicos.

Importa notar que o quarto evangelho destaca pouco o tema das palavras, fala pouco de doutrina ou de ensinamentos. Evita toda confusão de Jesus com os escribas e os doutores da lei. Jesus não é um doutor: os doutores falam e as suas palavras nada produzem, nada mudam. Jesus transforma as pessoas e trabalha até conseguir essa transformação. O evangelho salienta justamente o tema do trabalho - ou da obra, no sentido mais forte da palavra.

Vejam os primeiros exemplos desse tema do trabalho. Veremos depois os exemplos que ilustram esse trabalho. Pois o tema das obras pretende explicitar o conteúdo das narrações evangélicas.

“Meu alimento, declarou Jesus aos discípulos, é fazer a vontade daquele que me enviou e completar a sua obra” (4,34). Para explicar a cura do paralisado, Jesus invoca a mesma razão: “Meu Pai continua a trabalhar até agora; por isso eu também trabalho” (5,17). O trabalho do enviado é o trabalho do Pai, o trabalho encomendado pelo Pai, o próprio trabalho do Pai. “O Filho, por si mesmo, nada pode fazer, a não ser o que vê fazer o Pai; tudo o que ele fizer o Filho também fará. Pois o Pai ama o Filho e mostra-lhe tudo o que faz. Mostrar-lhe-á coisas maiores ainda que estas, que deixarão maravilhados os que as presenciarem. Como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá a vida, assim também o Filho dá a vida aos que quer” (5,19-21). Aqui aparece já o objeto do trabalho: dar vida.

A cura do paralisado deu oportunidade para elucidar o conceito de obras do Pai. Da mesma maneira, a cura do cego de nascença permite insistir no mesmo tema. “Passando, viu um homem cego de nascença. Perguntaram-lhe: - Rabbi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: - Nem ele, nem seus pais, mas isto sucedeu para que se manifestem nele as obras de Deus. É preciso que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto dure o dia: está para chegar a noite, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo”. Dito isto, cuspiu no chão, etc.! (9,1-6). Trabalhar é iluminar, restituir a vista a quem não vê.

Às acusações dos fariseus, Jesus opõe as suas obras, não uma doutrina, nem títulos jurídicos. Ele tem consciência de que é expressão e interpretação das próprias obras: o seu trabalho responde por ele: As obras que faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim” (10,25). “Eu pratiquei aos vossos olhos, da parte de meu Pai, muitas boas obras. Por qual delas quereis agora apedrejar-me?” (10,32). “Se não faço as obras do meu Pai, não me creiais; mas se as faço, mesmo que não acrediteis em mim, crede em minhas obras, para que saibais e vos certifiqueis de que o Pai está em mim e eu no Pai” (10,37s).

Na oração final, Jesus apresenta a sua vida inteira ao Pai: “Eu te glorifiquei na terra levando a cabo a obra que tinhas me encarregado de executar” (17,4).

As narrações evangélicas mostram algumas das obras de Jesus. Melhor dito: elas nos mostram o modo de trabalhar de Jesus. Jesus trabalhando em Caná com os discípulos, trabalhando com Nicodemos, com o oficial do rei, com os samaritanos, trabalhando com o paralisado, com os galileus do lago de Tiberíades, trabalhando com os judeus no templo de Jerusalém, com o cego de nascença, com a família de Lázaro.

Ele não atua como taumaturgo que mostra o seu poder milagroso. Não atua como pregador, nem como mestre, nem como homem de culto. Faz um pouco disso tudo, mas dentro de uma perspectiva que a tudo atribui um novo alcance. Jesus procura uma transformação em todas essas narrações: fazer passar as pessoas de um estado de morte, de trevas, de pecado, de abandono, de miséria para um estado de vida e de luz. Não descansa até conseguir o efeito, ou pelo menos esgotar todos os seus recursos.

Em certos casos, Jesus não consegue o efeito; os homens opõem uma barreira insuperável: o caso de Nicodemos, da Samaritana, dos Galileus, dos fariseus em geral. Em outros casos, o trabalho resulta: os discípulos em Caná, o oficial do rei, o paralisado, o cego de nascença, Lázaro.

É muito importante notar que a obra de Jesus não consiste em fazer milagres e conseguir efeitos puramente físicos. A ação de transformação corporal é parte dentro de um conjunto mais amplo: a mudança da pessoa inteira, a passagem do ser humano de um estado de trevas e de morte para um estado de vida. O resultado é a pessoa renovada capaz de iniciar uma existência nova. Trata-se de conseguir que pessoas se salvem, se liberem, se emancipem do *mundo* para viverem na *verdade*. Voltaremos mais tarde a essa condição nova que é o efeito do trabalho. Por enquanto estamos examinando o próprio trabalho como atividade de Jesus.

Esse trabalho é uma luta verdadeira. Jesus penetra no universo do outro, no mundo em que o outro vivia como escravo. É uma luta contra o mal que escraviza a pessoa e luta também contra as forças sociais que tratam de impedir ou de desestimular o trabalho. Jesus luta contra o mal do homem e luta contra os judeus que querem proibir-lhe a atuação.

Dentro dessa luta, o evangelho destaca dois elementos: os sinais e as palavras. Contudo importa sublinhar que a obra de Jesus não consiste em fazer sinais por um lado e proclamar discursos por outro lado. Trata-se de uma atividade complexa, incluindo sinais e palavras, cujo significado resulta do fim que busca, e da organização dos elementos em vista do fim. Jesus luta por meio de sinais e de palavras a fim de conseguir a libertação do homem e o seu novo nascimento na verdade.

OS SINAIS

Parte do trabalho são os sinais. Os sinais são efeitos visíveis de transformações corporais ou materiais que manifestam o efeito global de transformação da pessoa e a iniciam.

Não basta o efeito visível, a surpresa pela impressão de milagre. É preciso também que o efeito visível tenha um significado ulterior, mostrando um efeito mais amplo, mais contínuo. Pois Jesus não veio para resolver os problemas humanos por meio de milagres. Os milagres poderiam apenas manifestar a presença de um mago ou taumaturgo. O seu resultado seria o início de uma peregrinação e, depois, de um culto ao taumaturgo. Não sucedeu assim com os santos medievais e com os santuários? Ainda hoje, onde aparece uma pessoa que faz milagres ou um lugar em que se realizam milagres, nasce um culto e uma romaria. Jesus não veio para fundar uma romaria, um santuário ou o culto a Jesus.

Jesus fez gestos extraordinários de caridade e escolheu os gestos que significariam uma renovação de vida que pretendia realizar na pessoa humana.

O sinal é parte dessa renovação, mas parte apenas. Pois, se a pessoa se apegasse ao sinal em si, ao efeito de cura, ela poderia concluir daí que apareceu uma era nova de milagres que doravante dispensaria as pessoas da tarefa de viver e lutar. Jesus quer ensinar o contrário.

O sinal é necessário para chamar a atenção, para entrar no campo da atenção das pessoas. Mas o sinal é também ambíguo. É capaz de suscitar nas pessoas uma psicologia de dependência. Se o missionário resolve os problemas, descansemos e entreguemos-lhe a nossa vida! Será muito mais cômodo. Dessa maneira, o sinal torna-se contraproducente.

Jesus experimentou a ambigüidade dos sinais: em certos casos, o apego aos sinais impediu a fé e o efeito final de renovação; em outros casos o sinal foi etapa dessa renovação. Certos homens souberam perceber a conversão total. O processo de vida iniciado no corpo invadiu a pessoa inteira e a renovou na sua totalidade. Nesse caso, o sinal é realmente parte da obra do Pai.

O primeiro sinal notado por João foi o de Caná: “Deste modo, iniciou Jesus, em Caná da Galiléia, os sinais e revelou sua glória e seus discípulos creram nele” (2,11). O segundo sinal foi a cura do filho do oficial do rei (4,54). Ambos são recordados. Depois desses, João narra a multiplicação dos pães, a cura do paraplégico e do cego de nascença e a ressurreição de Lázaro.

Os sinais foram mais numerosos, naturalmente. Pois a impressão surgida nas massas foi de uma explosão de benefícios em favor dos miseráveis e dos enfermos. “Seguia-o uma grande multidão, porque tinham visto os sinais, que fazia em favor dos enfermos” (6,2). O próprio autor do quarto evangelho observa que “Jesus fez na presença dos discípulos muitos outros sinais, que não se acham escritos neste livro” (20,30).

Vendo os sinais “os discípulos creram nele” (2,11). Porém nem sempre os sinais provocaram esse resultado. O conjunto do povo não se convenceu pelos sinais. O próprio João observa: “Apesar de ter feito tantos sinais à sua vista, não criam nele” (12,37).

Os sinais despertaram a atenção, colocaram um problema, abriram o passo para o missionário. Mas não se pode esperar deles mais do que isso. O sinal por si só não basta. A missão é um trabalho árduo, uma luta perseverante.

É verdade que “muitos acreditavam em seu nome em vista dos sinais que operava” (2,23). Porém essa fé principiante não ia muito longe: “Jesus não se fiava neles, porque os conhecia a todos...” (2,24). Nicodemos também dizia: “Rabbi, bem sabemos que és um mestre enviado por Deus, pois ninguém seria capaz de operar os sinais que fazes se Deus não estivesse com ele” (3,2). A fé dele não foi muito longe. Depois da multiplicação dos pães, “vendo o sinal que Jesus fizera, aqueles homens exclamavam: - Verdadeiramente é este o profeta, o que deve vir ao mundo” (6,14). Mas Jesus denunciou a fraqueza desse entusiasmo: “vós me procurais porque comestes pão e ficastes satisfeitos” (6,26).

Os sinais abrem um caminho para a fé, mas quem fica parado neles transforma-os em obstáculos. Assim como os fariseus fizeram das Escrituras um obstáculo, assim também os sinais podem impedir a formação da fé verdadeira.

OS ENSINAMENTOS

O segundo elemento do trabalho de Jesus são as palavras. Estas merecem o nome de trabalho, são obras. Não são palavras de retórica. Jesus não faz cursos de religião ou de filosofia. Os seus discursos são lutas para persuadir os interlocutores. Pois a batalha de Jesus tem por finalidade a conversão dos homens. Esta não se pode conseguir pela violência, nem pela pressão, nem pela sedução, mas apenas pela persuasão. Daí os discursos pelos quais João quer dar uma imagem da atividade de Jesus.

Jesus “ensina na sinagoga de Cafarnaum” (6,59). Ensina no templo: “Lá pelo meio da festa, subiu Jesus ao templo e se pôs a ensinar” (7,15). Ensina também em qualquer lugar: “perto do lago” (6,25), pelo caminho. Fala para multidões ou para grupos ou para pessoas isoladas “à noite” (3,2).

Os discursos partem dos sinais a fim de que a atenção dos ouvintes não permaneça fixada neles. As palavras revelam aquilo que vem por trás dos sinais: o significado que é apelo a um ser renovado.

A palavra foi uma grande atividade de Jesus: ela é trabalho do missionário. Porém a palavra procede de quem envia. O enviado recebe as palavras e comunica-as. No fim do seu ministério, Jesus olha para o passado, tão breve, da sua missão, e pode dizer com sinceridade: “As palavras que me deste, eu as entreguei a eles, e eles as receberam e conheceram ser verdade que eu saí de ti e creram que tu me enviaste” (17,8). “Eu lhes comuniquei tua palavra” (17,14). “Porque eu não falei de mim mesmo, mas aquele que me enviou, o Pai, ele me prescreveu o que dizer e de que falar... Portanto, o que eu falo, digo-o como o Pai me disse” (12,49s).

“Minha doutrina não vem de mim, mas do que me enviou” (7,17).

Porém essas palavras que o Pai comunicou ao Filho não são de modo algum um discurso elaborado. O Pai não lhe entregou nem um catecismo, nem um código, nem um conjunto de fórmulas, nem uma teologia, nem um catálogo de dogmas. Não lhe entregou um livro para ensinar. De modo algum, os homens se salvam pela memorização em conjunto de dogmas. Quando Jesus diz que o Pai lhe entregou palavras, ele não toma palavras no sentido material

imediatamente ao qual estamos acostumados. As palavras designam aqui o conteúdo. O Pai lhe entregou uma realidade para comunicar. As palavras do Pai não são palavras sobre Deus. As palavras de Jesus não são palavras sobre realidades religiosas. As palavras significam aqui a própria abertura do Pai. O Pai mostra-se, exprime-se, comunica o seu amor pela missão de Jesus. A missão tem por fim dar a conhecer essa realidade. A palavra é o seu conteúdo. A palavra significa que o Pai se dirige aos homens. O que Jesus deve traduzir é isso mesmo. Para comunicar essa realidade, o Pai não lhe deu um vocabulário já feito: o vocabulário acha-se na própria linguagem dos homens. O missionário terá o trabalho de descobrir no vocabulário comum os fonemas que podem transmitir a convicção de que Deus fala e se abre aos homens.

No sentido de Jesus, falar é fazer, e fazer é falar. Com efeito, a ação busca a renovação da pessoa humana e esse efeito se consegue mediante os discursos. Sem dúvida, os discursos não têm virtude mágica. O que produz a persuasão não são as palavras usadas e sim o trabalho pelo qual o missionário logra atingir a pessoa por meio dessas palavras.

As ciências contemporâneas salientaram muito o isolamento das diversas linguagens. A tradução é impossível. A língua separa. Os conteúdos culturais são heterogêneos. No que diz respeito à palavra que é Jesus Cristo, o seu discurso permaneceria radicalmente incomunicável se se tratasse de uma linguagem elaborada. Porém a palavra de Deus não se enuncia perfeitamente em linguagem nenhuma, e, não obstante, ela se transmite. Jesus fala dizendo coisas que vão além das palavras e da linguagem usada. Ele não diz simplesmente aquilo que as palavras tomadas isoladamente ou no sentido comum querem dizer. Ele diz alguma coisa que vai além dos significados habituais. A análise da língua usada não lograria reconstituir a *palavra* pronunciada por ele. Ele consegue dizer o que nenhuma língua pode dizer. Entretanto consegue-o usando instrumentos irados das línguas humanas. Esse é o seu trabalho: transformar as palavras para que elas possam transmitir a palavra do Pai.

O TESTEMUNHO DAS OBRAS

As obras de Jesus são duplamente eficazes: conseguem transformar e salvar o homem ao qual elas se aplicam, e, ao mesmo tempo, a sua primeira eficácia constitui um testemunho para as pessoas que puderam assistir à transformação.

Dessa maneira a palavra dita a um já repercute em outro, e a obra que atuou em uma pessoa prepara sua atuação na seguinte. A obra inteira forma uma continuidade. Toda a atuação missionária é uma atuação aberta. Tudo é feito publicamente. Nada mais alheio ao ser missionário de Jesus do que uma formação, em ambiente fechado, de um discípulo por um mestre. As obras de Jesus são obras abertas para todos. A palavra atinge o seu objetivo e muitos outros recebem o eco.

“As obras que eu faço dão testemunho de que o Pai me enviou” (5,36). “Se não faço as obras do meu Pai não me creiais; mas se as faço, mesmo que não acrediteis em mim, crede em minhas obras, para que saibais e vos certifiqueis que o Pai está em mim e eu no Pai (10,37s). “O Pai que permanece em mim, ele é que realiza estas obras. Crede-me: eu estou no Pai e o Pai em mim. Senão, crede ao menos em razão das obras” (14,10s).

AS OBRAS MAIORES DOS MISSIONÁRIOS

O trabalho de Jesus será também o trabalho dos discípulos enviados por ele. Sendo a missão a mesma, a continuação da missão de Jesus, as obras não podem ser diferentes. Os discípulos são enviados para trabalhar também: “Levantai vossos olhos, e contemplai os campos que já branquejam para a colheita” (4,35).

“Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim fará as obras que eu faço. E fará até maiores...” (14,12). Esta previsão não se refere propriamente à importância, menos ainda ao valor espetacular dos milagres. As obras consistem em suscitar a fé nos seres humanos, em despertar a vida neles. Ora, os Atos dos Apóstolos mostram que desde o início da pregação os apóstolos começaram a trabalhar e a recolher frutos maiores.

De qualquer modo, a questão central não é a do maior ou do menor, e sim a continuidade entre o modo de trabalhar de Jesus e o modo dos discípulos.

Está claro que o evangelho não prevê as modalidades concretas desse modo de agir. Está previsto que as obras do Pai não consistem em aplicar uma receita, nem um código de operações fixas. Portanto, os atos concretos que o missionário organiza dentro da sua *obra* missionária devem variar. No meio dessas variações não faltam os perigos de desvio e de corrupção da missão.

Com efeito, o missionário precisa adotar modos de agir e formas de ação moldados por outras categorias de pessoas. Ora, essas outras categorias organizaram a sua ação dentro de projetos bem diferentes, visando fins também muito diferentes. O missionário não pode assumir simplesmente um modo de agir descoberto no ambiente da sociedade em que vive sem transformar profundamente esse modo de agir. Pois os modos constituídos, as estruturas estabelecidas têm o seu dinamismo próprio e tendem a envolver nesse dinamismo todas as pessoas que os usam. Uma pessoa é levada a fazer, inconscientemente, aquilo que o seu modo de agir faz por si mesmo, ainda que tenha a vontade explícita de fazer o contrário. As estruturas do agir humano são muito fortes e as possibilidades da vontade individual muito limitadas. Desse modo, quem quiser agir livremente, ou, pelo menos, exprimir um pouco de liberdade na sua ação, deve escolher com muito cuidado os seus modos de agir, adaptá-los, não se entregar com demasiada confiança a eles, permanecer desconfiado e tratar de modificá-los na medida do possível.

A história exubera em exemplos. Os apóstolos tiveram que buscar no contexto social as formas da sua ação social. Muitas vezes, as formas foram mais fortes do que eles e os levaram a tarefas que já não eram as de Jesus Cristo. Os modos estruturados da ação social puderam integrar os apóstolos dentro de moldes preestabelecidos de tal modo que o fermento evangélico se tornasse completamente inofensivo. Conhecemos a palavra cruel de Maurras^[1] (que pensava fazer um elogio) felicitando a Igreja romana porque tinha conseguido extirpar da Igreja todo o fermento evangélico - o qual, para ele era um perigo social, perigo de desordem e anarquismo.

Assim, por exemplo, os apóstolos adotaram o modelo sacerdotal do mundo romano, assumindo modos de ser e atuar dos sacerdotes. Porém o modelo sacerdotal romano ficava muito longe das intenções de Jesus. Fazia dos discípulos administradores de um culto, de tradições dos ritos e de certas regras de comportamento social. O discípulo que se deixa integrar dentro desse modelo está perdido. Em lugar de ser missionário, ele se transforma numa pessoa sedentária, ligada a um lugar de culto, administrador de coisas sagradas, mais do que um pescador de homens.

Mais tarde, nos tempos da reforma protestante, prevaleceu também na Igreja católica, o modelo de pastor. Este é muito parecido com o doutor da lei da sinagoga. É o homem do livro, da Bíblia, o guardião das palavras sagradas que encontra no livro a fonte de uma autoridade moral e social radical. Ele é, no meio da comunidade local, o guardião das

tradições morais e sociais, da ordem moral e da ordem social, da autoridade na família, na cultura e na sociedade, o patriarca moral, o cimento da comunidade, a referência última. Mas ao mesmo tempo o *pastor* é o menos livre dos homens. Fica prisioneiro do livro, da lei, da ordem que deve manter. Ele é a primeira vítima da autoridade moral que a sociedade lhe confere. Quem aceitar esse modelo não pode imitar a Jesus.

Quem quiser ser missionário deve preservar a sua liberdade. Não pode aceitar os limites que impõe uma função social bem delimitada por uma sociedade determinada. Não pode aceitar o papel que a sociedade lhe quer conferir. Não pode ter ilusões sobre as honras, os privilégios, a satisfação, os agradecimentos que a sociedade oferece aos seus funcionários fiéis e disciplinados. Essa forma de êxito seria o sinal mais claro do seu fracasso como missionário. Os verdadeiros missionários sempre acharam a sua verdadeira atuação ao lado do modelo social que a sua época lhes impõe; eles souberam ultrapassar os limites das convenções sociais e dos papéis definidos. Não buscaram no costume a legitimação dos seus atos, e sim no evangelho de Jesus Cristo e numa meditação real, sincera, desinteressada do seu modo de ser.

Em primeiro lugar, o missionário realiza sinais da vinda do Filho e do Pai no Filho. São os sinais que mostram que Deus fala e que a sua palavra é vida. Os sinais não pretendem manifestar a excelência da pessoa que os realiza, e sim manifestar a presença do Pai ausente que enviou o seu representante. Os sinais não pretendem manifestar o poder, nem ensinar a submissão a um poder superior e soberano; não são demonstrações de força; o Pai não manda o seu Filho para intimidar. Pois o Filho não foi enviado para condenar, nem para castigar e sim para salvar. Por isso, os sinais são atos de ressurreição e de vida, atos que procuram a pessoa no seu mal, na sua fraqueza para lhe restabelecer a força.

Nos Atos, Pedro condensa em poucas palavras a tarefa missionária de Jesus: “Sabeis como Deus ungiu com o Espírito Santo e o dom dos milagres a Jesus de Nazaré, que andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando os possessos de demônio” (At 10,38). O Espírito é força para fazer o bem. A tarefa do missionário é fazer o bem, com todos os dons e todas as faculdades que lhe foram atribuídas. Pois o bem que ele faz significa e manifesta. Se fosse administrador fiel de ritos ou de dogmas ou de preceitos ou de leis, ele não manifestaria a realidade da missão do Pai. Fazendo o bem, ele diz tudo.

Aparentemente, esse tipo de atividade - fazer o bem - não gera nenhum resultado; não parece atividade racionalizada, organizada; não responde a um plano; não visa objetivos determinados. Ora, justamente, a missão não visa resultados determinados e sim esse único resultado que não é determinado: comunicar a vinda do enviado do Pai, suscitar uma nova esperança, uma fé e uma corrente de comunicação do mesmo anúncio. Não é preciso determinar a coisa, e sim prolongar o movimento que se inaugurou com a vida terrestre de Jesus e se amplia, cresce, se renova incessantemente desde então.

Aparentemente, não há nada mais gratuito e ineficaz do que essa atividade de *fazer o bem*. Porém ela transmite a força do Espírito. Ela comunica a vida nova que procede do Pai; passando no meio do mundo, ela desperta as pessoas, estimula energias, reúne os dispersos.

Os sinais são apenas sinais: constituem o início de uma restauração do homem; esse início é minúsculo, sem proporção com a amplitude do mal do mundo. Os milagres de Jesus não deram pão à milésima parte dos famintos de então, não restituíram a vista da milésima parte dos cegos. Havia milhões de doentes e alguns poucos foram curados. Assim são os sinais: inauguram um processo de redenção, mas não o completam.

A missão não consiste em dar aos homens uma salvação acabada; o missionário não tem um papel de substituto. Se o próprio Jesus substituiu as pessoas no ministério da cruz, ele não as

substitui na luta de cada dia para levantar uma vida nova. A ressurreição para uma vida nova é tarefa de todos e de cada geração.

Sucedem que os sinais despertam também falsas esperanças: a esperança messiânica de uma redenção acabada. Vendo os sinais, as multidões pensaram que Jesus lhes daria de comer e lhes restituiria a saúde todos os dias. As massas empurram os líderes que surgem no meio delas para que aceitem a função de messias salvador. Ai de quem se deixa empurrar nesse caminho! Bem depressa vem o momento das decepções. Quem pode cumprir a aspiração messiânica? A frustração vem logo, ou porque o pseudo-messias se instalou, ou porque a sociedade se vingou e restabeleceu a ordem ameaçada. O próprio Jesus morreu em virtude das acusações de messianismo que lhe fizeram, apesar dos desmentidos que multiplicou durante todo o seu ministério. Aliás, ainda que uma pessoa fosse capaz de manter a sua fama de messias durante toda a sua vida, ele não teria força para estabelecer um mundo novo de modo durável e esse mundo novo há de ser obra de todos e não obra de um salvador individual em nome deles.

Essas restrições não valem para consolar o missionário das suas fraquezas, menos ainda para desanimar a coragem ou a inspiração. O sinal deve comprometer a pessoa em todas as suas dimensões e na totalidade das suas forças. Os limites não servem para reduzir o esforço do missionário e sim para dar a entender a todas as pessoas que a missão é tarefa de todos. A todos se lhes pede que afastem os seus olhares das nuvens do céu de onde esperam a solução, e os dirijam para as suas próprias responsabilidades. Os sinais têm por finalidade suscitar outros sinais numa corrente sem fim.

Em segundo lugar, o missionário dispõe da palavra. Essas palavras são as suas armas na luta contra o mundo. As demais armas desvirtuam a missão: o prestígio da força, o medo, a intimidação que resultam do apoio do *braço secular* podem inculcar a submissão externa, mas não a circulação do amor; a riqueza e a segurança econômica podem atrair muita gente interessada, mas não criar amor; a ciência, a cultura, os estudos podem conferir prestígio social, mas não abrem o acesso à alma dos pobres onde se edifica o amor e a vida.

O missionário não está encarregado de ensinar um catecismo, nem histórias sagradas, não é depositário de um livro; nem é responsável pelas leis e pelos costumes da sociedade. Ele tem uma palavra para transmitir e essa palavra é a própria missão do Pai que desperta os homens. Todas as palavras do mundo estão à sua disposição para comunicar essa mensagem. Mas ele terá que elaborar o próprio discurso, inventando argumentos elaborando explicações, procurando convencer e ilustrar o que ele mesmo e os outros fazem pelas suas obras. Ao mesmo tempo ele sabe que a sua força não procede dos artifícios da eloquência e sim do valor das obras e da autoridade de quem o enviou.

O missionário recebeu a missão de convencer. Não é o orador, nem o conferencista, nem o professor que expõe o assunto durante o horário previsto e depois vai descansar. Ele não pode descansar antes de conseguir o resultado: antes de salvar os homens. A sua palavra é uma luta com o mundo.

Por conseguinte, pode-se dizer que a missão não é uma função social, uma profissão ao lado de muitas outras, não é um papel que a pessoa assume durante o horário de trabalho. A missão é a presença ativa do missionário e da missionária no meio do mundo. É a irradiação dessa presença ativa. Ela emana da pessoa inteira, mais do que de alguns discursos ou de algumas operações dessa pessoa. Ela é a síntese de todo o modo de ser, do modo de estar presente, de toda a expressão ativa de uma pessoa. Dessa maneira, a missão se faz *carne* e torna visível a glória do Filho de Deus.

4. “Vimos sua Glória” (1,14)

A GLÓRIA

“A palavra se fez carne, e habitou entre nós, e nós vimos sua glória, glória como a que, de seu Pai, recebe o Filho único, cheio de graça e verdade” (1,14). Não podíamos falar das obras de Jesus, isto é, da sua encarnação ou da sua presença numa carne humana, na matéria da humanidade, sem insinuar alguma coisa daquilo que a carne manifesta: a sua glória. Pois as obras de Jesus não têm significado em si mesmas, e sim na glória que comunicam. Agora precisamos contemplar essa glória de modo direto.

Por outro lado, na primeira meditação, apresentamos Jesus como enviado ou missionário do Pai. Aqui também foi impossível falarmos da missão sem evocar alguma coisa do objeto da missão, do objeto que se comunica por ela: a glória. Já falamos da glória do Filho, que é a glória do Pai, mas agora dirigimos a nossa atenção explicitamente para ela. Porque o mensageiro traz uma mensagem. Se essa mensagem é ele próprio, precisamos contemplar agora diretamente o mensageiro não no movimento da missão, e sim como carta do Pai.

A palavra *glória* significa pouca coisa na linguagem comum. Foi escolhida por uma longa tradição para traduzir um termo semítico que diz muito mais do que *glória*. Mas não há, nos idiomas europeus, termo equivalente ao original. Nem o grego, nem o latim tinham equivalentes. De certo modo, o original dizia muito mais do que *glória*: o que Jesus revela nas suas obras é: o seu peso, a sua grandeza, a sua força, a sua amplitude, o seu poder. Infelizmente todos esses termos sugerem imagens de dominação, e precisamos evitar absolutamente qualquer conotação de dominação. Por isso, a palavra *glória* ainda pode ser a que deixa menos a desejar, desde que não a tomemos no sentido de *fama* (o que permanece exterior ao próprio sujeito), mas no sentido de fundamento, de valor que justifica a glória (o que é uma realidade interna do sujeito). Jesus mostrou o seu valor transcendente, a sua realidade transcendente.

Importa observar que, de acordo com a Bíblia, o corpo não oculta a alma, a matéria não oculta o espírito e sim o manifesta. Não há oposição entre espírito e matéria, alma e corpo, e sim harmonia e complementaridade. Não existe a idéia de que o espírito poderia manifestar-se fora do corpo ou sem corpo, ou a alma sem matéria. A Bíblia está muito longe das concepções espiritualistas das religiões orientais ou da filosofia grega - e de muitas tradições culturais do Ocidente também. Por isso, a corporeidade de Jesus não esconde de modo algum a sua realidade, mas a manifesta. Não precisamos afastar os nossos olhares das realidades materiais das obras de Jesus; ao contrário, devemos contemplá-las mais assiduamente. A tentação mais perigosa foi sempre a elucubração pseudo-mística de uma sensibilidade religiosa despreendida da realidade corporal de Jesus Cristo.

Importa, finalmente, tirar do conceito de glória todas as conotações de brilho, de luxo, de aparência, de pompa que lhe pertencem na nossa tradição cultural. A glória de que fala Jesus é realidade, e quer dizer justamente o contrário de brilho. Jesus não revela a sua glória a uma multidão de *admiradores* fascinados e superficiais. Basta dizer que essa glória foi reconhecida por humildes galileus, por pescadores e artesãos e não foi descoberta pelos grandes do tempo. A glória é a realidade durável, resistente, autêntica.

Pois bem, as obras de Jesus foram feitas a fim de revelar a sua glória. “Em Caná de Galiléia Jesus iniciou os sinais e revelou a sua glória, e seus discípulos creram nele” (2,11).

Essa glória não se pode explicar por meio de discursos. Trata-se justamente da realidade que fica além dos discursos. Contudo, Jesus usou palavras para orientar a atenção dos discípulos, e é legítimo recorrer a essas palavras para fixar a fé e a adesão. Naturalmente, a fé não consiste em saber enumerar de memória os atributos de Jesus; não consiste em aclamar esses atributos. Não consiste numa adesão intelectual ou afetiva a esses atributos, nem a essas aclamações. Contudo, as palavras oferecem certo auxílio que não podemos menosprezar. Pois a glória se fez carne, e essa carne consta também de palavras. Podemos usá-las para expressar validamente uma percepção real da glória.

Vejamos os atributos que Jesus invocou para dizer a sua glória

Em primeiro lugar, o modo de usar o “eu sou” já constitui em si a afirmação de um atributo, o mais completo e o mais forte de todos. No Antigo Testamento, Deus fala assim também; o “eu sou” divino é uma posição, uma manifestação de soberania. Da mesma maneira, Jesus se apresenta com a segurança de quem é verdade. Nele não há distinção entre a palavra e a realidade, entre a fachada e a realidade, entre o visível e o real. A palavra há de ser tomada no seu sentido completo com a aceção plena que em vão se busca na vida ordinária.

“Eu sou a luz do mundo; o que me segue não caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida” (8,12). “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (9,4). A cura do cego de nascença fornece um sinal sensível dessa realidade mais ampla e global. “Pouco tempo ainda dura a luz para vós. Caminhai enquanto tendes a luz, para que não vos surpreenda a escuridão: aquele que caminha no escuro não sabe para onde vai. Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz” (12,35s). “Eu vim como a luz ao mundo, para que todo o que crer em mim não permaneça nas trevas” (12,46).

Da luz que ilumina o caminho, passamos facilmente à imagem do próprio caminho. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai, senão por mim” (14,6).

A luz e o caminho orientam. Jesus prossegue na mesma linha com a figura da porta: “Eu sou a porta das ovelhas... Quem entrar por mim será salvo, e poderá entrar e sair, e achará pastagem” (10,7.9).

“Eu sou o bom pastor... As ovelhas reconhecem a sua voz. Ele as chama a cada uma por seu nome e as tira do redil. Trazendo-as para fora põe-se a caminho diante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz” (10,11s). Continuamos na mesma direção de pensamento.

A *verdade* não quer dizer outra coisa: é a luz, o caminho, a porta, o pastor. A verdade do ser humano é o valor de sua existência, o caminho em que encontra a sua realidade. Essa é a verdade presente em Jesus; essa é a verdade que procede do Pai. “A graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo” (1,17). Jesus dizia aos judeus: “Se permanecéis na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (8,31s). Mas eles não querem ceder: “A mim que digo a verdade, vós não dais crédito” (8,45).

A verdade leva à vida. Após o sinal de Lázaro, Jesus usa a palavra vida: ele é o caminho que leva à vida: “Eu sou a ressurreição e a vida” (11,25). O sinal da multiplicação dos pães sugere também a vida. “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não terá mais fome e o que crê em mim não terá mais sede” (6,35).

Essa é a glória de Jesus: “a graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo” (1,17), diz em forma resumida o autor do evangelho. Aliás, ele entendeu também que Jesus não era puro canal de transmissão da salvação do Pai. Essa glória fica nele. Ele é realmente o dom do Pai e esse dom subsiste nele. Ele não deve dizer somente que funciona como luz, funciona como pão ou como pastor. Ele é todas essas realidades. Não que ele apareça como rival do Pai, mas porque recebeu essa realidade do Pai. Ele é a verdade na plenitude. Por isso, pode dizer com

Deus no Antigo Testamento numa fórmula breve que condensa todas as afirmações anteriores e lhes fornece o fundamento e a raiz: “Em verdade, em verdade antes que Abraão nascesse, eu sou” (8,58). E os judeus entenderam muito bem qual era a pretensão que havia nessas palavras. Pois apanharam pedras para atirar nele (8,59).

Jesus é a graça do Pai em plenitude. Portanto João pode dizer acertadamente: “de sua plenitude todos nós recebemos graça por graça” (1,16). Pois “nele estava a vida e a vida era a luz dos homens” (1,4). A glória dele é que a luz estava e está e estará nele.

Eis o que as obras revelam: as palavras e os sinais; as palavras que explicitam os sinais e os sinais que mostram na carne a verdade do Espírito.

GLÓRIA DO FILHO

“O que fala por própria iniciativa procura a sua glória; quem, ao contrário, procura a glória daquele que o enviou, este é verdadeiro e não há nele injustiça” (7,18). “Se me glorificasse a mim mesmo, vã seria a minha glória; meu Pai é quem me glorifica: aquele que vós dizeis ser vosso Deus” (8,54). Glorificar é dar a glória, e a glória é o valor, o poder, a força de que falamos.

Entre as pessoas surgem líderes, chefes, heróis ou sábios, pessoa astutas ou corajosas: a glória baseada nesses títulos permanece fraca. Quem a invoca para ser recebido como salvador dos homens comete injustiça e decepção. Porém o poder de Jesus não decepção, porque não procede das criaturas humanas. Jesus não descobriu em si mesmo essa vocação, essa missão, essa força. Não a procurou nos seres humanos. Nem a procurou, nem a recebeu. Nada deve aos seres humanos. Portanto, essa glória de que está revestido nada deve à fraqueza. Ela permanece alheia à debilidade humana, à fragilidade de todas as investidas humanas. “Eu não procuro minha glória; há quem a procure e zele por ela” (8,50). “Eu não recebo glória dos homens” (5,41).

Toda a glória de Jesus é dom do Pai. Por isso nas manifestações visíveis desse poder, o que se dá a contemplar aos homens é a própria glória do Pai. Jesus diz a Marta: “Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?” (11,40). Crer foi justamente o que os judeus não quiseram: “preferiram a glória dos homens à glória de Deus” (12,43). Confiavam no seu próprio poder. Por temor, por apego as suas seguranças ilusórias, não puderam abrir-se à glória de Deus que permaneceu desse modo, fechada aos seus olhos cegos.

Jesus manifestou essa glória durante a sua vida terrestre. Manifestou-a pelas suas obras. Não a mostrou como espetáculo: exerceu o seu poder; fez com que a glória fosse eficaz e produzisse frutos. Essa glória é a salvação dos homens, dom da vida, graça derramada sobre os homens. A glória estava nele desde a criação do mundo e já antes: “agora, ó Pai, glorificame com a glória que tinha junto de ti, antes que o mundo começasse a existir”(17,5). Pois “no principio existia a palavra, e a palavra estava com Deus, e a palavra era Deus... Por ele tudo foi feito... Nele estava a vida...”(1,1-4).

Contudo, houve no tempo uma novidade: a glória mostrou-se na carne “e nós vimos sua glória” (1,14). E houve outra novidade. Na terra Jesus recebeu na carne uma primeira investida: a primeira investida do Espírito, e esta lhe conferiu uma primeira investida da glória; foi a primeira glorificação de Jesus na carne: João testemunhou: “Vi o Espírito descer do céu, qual pomba, e pousar sobre ele. Eu mesmo não o conhecia. Mas quem me ordenou batizasse com água dissera-me: - Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é quem deve batizar com o Espírito Santo” (1,32s). Em virtude essa vinda do

Espírito, Jesus pôde manifestar nas obras evocadas pelo evangelho a glória de que foi revestido.

Contudo, essa glória era apenas um início, um anúncio precursor de uma investidura de glória (uma glorificação) superior, e esta estava reservada para a ressurreição. Somente depois de passar pelo caminho da paixão e da cruz Jesus poderia receber a plenitude da glória do Filho; somente então a carne de Jesus ficaria envolvida totalmente pela glória do Filho.

João se refere a essa glorificação ao comentar as palavras de Jesus no dia da festa dos Tabernáculos. “Jesus, em pé, dizia em alta voz: - Se alguém tiver sede, venha a mim, e beba o que crê em mim. Conforme diz a Escritura: Correrão do seu seio rios de água viva. Disse isto, referindo-se ao Espírito que haviam de receber os que acreditassem nele; pois ainda não havia Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado” (7,37-39).

A glorificação que Jesus recebe na morte, pela morte, ao alcançar a sua nova condição de ressuscitado, supera a glória manifestada na sua vida mortal. Assim as obras realizadas depois a ressurreição superam, de longe, as que foram narradas pelos evangelistas. Após a ressurreição Jesus começou uma nova trajetória. A morte é, na realidade, a porta que leva à glória, a entrada para a glória. Jesus e o evangelista falam dela como se fosse a própria glorificação.

Por outro lado a glorificação de Jesus é também e pelo mesmo fato, a glorificação do Pai. Naturalmente o Pai não tinha necessidade de receber a sua glória. Mas o dom de sua glória feito ao Filho permite um novo alcance, uma nova amplitude que equivalem a uma nova glorificação. A morte e a ressurreição de Jesus são a glorificação completa do Filho e do Pai.

A poucos dias da sua morte, Jesus anuncia: “É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem... Agora perturba-se a minha alma. E que direi? Pai, livra-me desta hora. Mas é para isto que cheguei a esta hora. Pai, glorifica o teu nome”. Veio então uma voz do céu: “Já o glorifiquei e o glorificarei de novo” (12,23.27s).

No mesmo sentido, na última vigília, assim que Judas saiu, disse Jesus: “Agora foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele. Se Deus foi glorificado nele, Deus também o glorificará em si mesmo, e o glorificará dentro em breve” (13,31s).

A glória do Pai é a vida, a plenitude de vida e de uma vida que irradia e se expande. A glória do Filho é o mesmo poder de vida. Jesus manifestou esse poder de vida na própria vida mortal mediante as suas obras. Porém aquilo que se manifestou então era apenas uma amostra. Com a exaltação na cruz e na ressurreição, o poder de vida do Filho inaugura uma glória que durará até o advento final do reino de Deus.

Na sua última oração ao Pai, Jesus falou assim: “Pai, chegou a hora: glorifica o teu Filho, para que o Filho te glorifique e que, pelo poder que lhe deste sobre todo homem, ele dê a vida eterna a todos os que lhe deste. A vida eterna consiste em que te conheçam a ti, verdadeiro e único Deus e a Jesus Cristo, teu enviado. Eu te glorifiquei na terra, levando a cabo a obra que me tinhas encarregado de executar. Agora, ó Pai, glorifica-me com a glória que tinha junto de ti, antes que o mundo começasse a existir” (17,1-5).

Chegamos assim a esse aspecto da glória de Jesus que nos diz respeito a nós mesmos de modo muito imediato. A glória do Filho está destinada a se manifestar através das obras dos discípulos.

GLÓRIA E MISÉRIA DOS DISCÍPULOS

Já citamos o texto no qual Jesus promete aos discípulos obras maiores. O poder de Jesus estará neles e pela sua atuação o Filho será glorificado e, com o Filho, o Pai. “Em verdade,

em verdade, vos digo: quem crê em mim fará as obras que eu faço. E fará até maiores, porque eu vou ao Pai. E tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei” (15,12-14). Esses pedidos se referem naturalmente às futuras obras dos apóstolos.

O dom do Espírito é a condição dessa glória. “Ele me glorificará porque receberá do que é meu para vos anunciar”(16,14).

Dessa maneira, a narração evangélica é uma imensa parábola que explica com imagens e palavras humanas o desenrolar da glória de Jesus na história humana. As obras que ele fez, a glória que essas obras manifestaram, tudo isso foi entregue aos discípulos.

Os enviados de Jesus não deixam de serem pessoas comuns. A sua natureza não mudou. As fraquezas humanas são também as fraquezas deles. A história cristã não deixa dúvidas a esse respeito.

Daí a contradição extrema em que vivemos. Por um lado, carregamos o peso da glória que o Pai depositou no Filho, e por outro lado, somos o mundo, carne humana mergulhada no mundo. Ainda não completamos o processo de transformação em nós mesmos e já estamos embarcados na missão de realizar as obras do Espírito.

A condição dos cristãos é completamente distinta da dos filósofos, ou dos adeptos de religiões ou sabedorias humanas. Estes comunicam o que eles próprios edificaram, a religião que eles vivem, a sabedoria que eles descobriram. Apela para a própria experiência. De certo modo, o argumento da experiência aproxima das pessoas. Quem ouve uma pessoa que conta sua experiência humana se sente muito semelhante e reconhece a sua própria vivência na de outra pessoa.

Mas, por outro lado, como não cair numa impressão de ceticismo e de relativismo diante de mensagens que não fazem outra coisa a não ser publicar aspirações, anseios, fantasmas que ninguém reconhece? As sabedorias, os sistemas, as filosofias expressam a realidade imaginária em lugar da realidade criada.

Carregamos uma glória que não é nossa. Não apelamos para a nossa vivência. Antes tratamos de desaparecer na nossa insignificância para que apareça a glória de outro. O cristão procura não aparecer na sua personalidade própria para que a glória possa aparecer. Em toda a sua atuação, a distinção fica sempre presente e tem que permanecer consciente: entre a grandeza do dom que transmitimos e a miséria de quem a transmite. Carregamos um tesouro de ouro em vasos de barro.

As obras que realizamos, isto é, as obras que realmente manifestam a glória de Cristo, expressam uma parte de nós. Ninguém de nós consegue identificar-se com as obras que o Pai lhe inspira mediante o Espírito. Há contradição interna entre essas obras boas e outras más.

Existe entre as pessoas o preconceito de que uma pessoa boa só faz obras boas e uma pessoa má, obras más. Ao vermos uma pessoa que realiza obras boas, tendemos a esperar dele somente obras boas. Ao contrário, se uma pessoa nos decepcionou fazendo obras más, já não esperamos dela nenhum bem. Ora, somos justamente pessoas contraditórias que fazem coisas boas e coisas más. Podemos ser maus e realizar obras boas: a glória de Deus manifesta-se nelas. Mas, daí não podemos inferir que doravante todas as ações serão boas: o mundo reaparece. A glória de Deus manifesta-se por meio de pecadores.

Seria ilusão imitar a preensão dos fariseus e querer entregar a obra de Deus a uma seita de pessoas justas. Para salvar a fachada de justos, cairíamos justamente em todos os vícios do farisaísmo.

A glória de Deus foi entregue a pecadores, condenando-os a viverem numa tensão constante entre o pecado do qual emergem com todas as recaídas inevitáveis, e as obras boas que manifestam a presença da glória.

A história da Igreja mostra que nunca existiu a missão pura feita por santos. A missão pura não existe. A expansão da glória de Cristo é uma história manchada de sangue, de mentira, de aproveitamento, de oportunismo, de conquista, de evasão religiosa, de sectarismo, de todas as formas de corrupção da religião e da palavra que as críticas modernas nos forçaram a reconhecer. Porém, no meio das injustiças, dos enganos, das mentiras, apareceu a obra de Deus e resplandeceu a sua glória.

Será necessário evocar a obra histórica da evangelização da América? Quantas ambigüidades! O evangelho da vida e da paz apareceu no meio de uma empresa de conquista, de destruição e de escravização de povos inteiros com toda a sua estrutura social, toda a sua cultura. Extermínio e exploração dos indígenas, importação de povos africanos reduzidos à escravidão! Exploração do trabalho de escravos para o proveito de metrópoles indiferentes à sua sorte. Contudo, as obras de Jesus manifestaram a sua glória nesse contexto. O evangelho ficou comprometido todos os dias com os crimes da conquista. A confusão era permanente. Apesar de tudo, nasceu uma comunidade de verdadeiros fiéis até no seio das piores desordens.

A missão não precisa esperar condições ideais: se as esperasse, nunca começaria a atuar. A missão não precisa de homens supra-humanos. Se precisasse deles, jamais seria levada a cabo. Menos ainda devemos esperar que o contexto histórico nos favoreça. Na realidade, nunca existe contexto histórico que, de certo modo, nos empurre no sentido da missão cristã.

O missionário é chamado a agir num contexto social e cultural que lhe é adverso; dentro de uma Igreja que institucionalmente, oferece todas as formas de ambigüidades e de equívocos; junto com pessoas cuja conduta contradiz todos os dias a mensagem que pretendem transmitir; e consciente de que ele próprio desmente também todos os dias as palavras que pronuncia.

Porém a glória de Deus não é limitada por essas condições. Mais forte do que todas as corrupções, ela se manifesta onde quer. O Pai é capaz de fazer com que a sua glória apareça através de intermediários indignos. Mais ainda: todos os intermediários são necessariamente indignos. Ao lado de obras más resplandecem as obras do Espírito. As pessoas que evangelizaram a América eram capazes do melhor e do pior, às vezes as mesmas pessoas. Se quisermos reservar a obra de Deus para os justos e os perfeitos, chegaremos a uma esterilidade completa. Pois os pecadores são capazes também de obras sublimes e o publicano pode ser missionário tanto e mais do que o fariseu. O próprio Pedro negou três vezes conhecer a Jesus e apesar disso, foi chamado a glorificar a Deus: “Em verdade, em verdade te digo, quando éras jovem, cingias-te a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, um outro te ligará e te levará para onde não queres”. “Disse isto para dar a entender com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus”. (21,18s). Ao missionário sucede também que outro o leve por onde ele não queria. As forças exteriores o levam a cumprir obras em que não tinha pensado. Sem dúvida, o tempo, as pessoas, as circunstâncias desfazem as obras humanas, as realizações pastorais mais caras ao indivíduo, as empresas feitas com muita piedade, devoção e sentimentos de amor a Deus e às pessoas. A história desfaz as obras puramente humanas em que o missionário colocava com muita ilusão a sua vontade própria em lugar da glória de Deus. A mesma história leva-o a fazer, até contra a própria vontade, aquelas obras que realmente glorificam o Pai.

Entre todas essas obras se encontra a cruz. Ela é a que menos se esperava. Contudo, a cruz foi o caminho da exaltação de Cristo. Ela também é glorificação do Pai. A glória não se encontra sempre nas obras em que se confiava e se manifesta, outras vezes, nas obras que todos desprezavam. Jesus não recebe a sua glória das criaturas humanas. E os seus discípulos não

serão maiores do que o mestre. “Não me escolheste a mim; mas eu vos escolhi, e vos destinei a irdes e a produzirdes fruto, e um fruto que permaneça” (15,16).

5. “A Graça e a Verdade” (1,17)

NASCER DO ESPÍRITO

Jesus foi enviado para manifestar a sua glória e a sua glória é que as pessoas tenham a vida: “para que tenhais vida no seu nome” (20,31). A finalidade da missão é a vida do mundo. Desse modo a vida fica no início e no fim do processo. “Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens” (1,4).

A vida é um dos temas principais do quarto evangelho. João diz “vida eterna” ou simplesmente “vida”. Esta vida se refere à ressurreição final no fim dos tempos. “Vem a hora, e já chegou, na qual os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão... Vem a hora em que todos os que jazem nos sepulcros ouvirão a sua voz; os que tiverem feito boas obras sairão para a ressurreição da vida...” (5,25-29).

“Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram do maná do deserto, e apesar disso morreram. Este é o pão que desce do céu para que aquele que dele comer não morra. Eu sou o pão da vida descido do céu. Se alguém comer deste pão, viverá eternamente” (6,48-51). A ressurreição de Lázaro salienta esse aspecto: “Eu sou a ressurreição e a vida; todo aquele que crê em mim, mesmo que esteja morto, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá jamais” (11,25s).

Contudo, a vida que procede de Jesus não se limita à ressurreição futura. Trata-se da vida atual ou da vida presente. Inclusive a vida futura não é outra coisa a não ser o destino final desta vida vivida realmente neste tempo presente. Jesus fala diretamente desta vida, e da vida futura como o desabrochar completo da plenitude de vida atual.

A finalidade da missão é que as pessoas tenham agora a vida e possam realmente viver. Viver significa uma qualidade do existir, não somente estar presente neste mundo. Viver é realizar as promessas contidas na natureza humana. Há no ser humano aspirações fundamentais, razões de existir, valores, modos de ser que respondem a uma vocação. Viver é realizar tudo isso.

“Eu vim para que tenham vida e a tenham plenamente” (10,10). Para eles a vida eterna já começou. “Quem escuta minha palavra e acredita naquele que me enviou tem a vida eterna e não está submetido ao julgamento, mas passou da morte à vida” (5,24).

Não vamos citar todos os textos que destacam a vida. Quase todos os atributos da glória de Jesus aludem à vida: luz de vida, pão de vida, caminho e vida, pastor e vida. Na síntese da mensagem evangélica, este conceito é de suma importância. Pois o anúncio da vida distingue a mensagem de Jesus da mensagem dos judeus e de todas as religiões dos povos. As religiões buscam o serviço dos deuses e subordinam a vida das criaturas humanas às necessidades dos deuses: escravizam as pessoas fazendo delas servidoras da vontade dos deuses. Os judeus impõem uma lei e fazem das pessoas as cumpridoras das leis divinas: o seu Deus é dominador, o seu amor é amor de dominação. Jesus liberta as pessoas dessa necessidade. A

vontade de Deus é a vida das pessoas: ele quer que as pessoas tenham a vida. Assim se supera a alienação religiosa, objeto das críticas do pensamento moderno.

Precisamos reconhecer que a religião que muitas vezes se publicou sob o nome de cristianismo, era justamente o contrário de Cristo. O que anunciava era uma lei nova, um novo farisaísmo, aquilo mesmo que Jesus mais combateu. Há muitas pessoas que acham cristão justamente aquilo que é mais anticristão. De onde vem essa confusão? Do fato de que a religião das crianças e dos adolescentes tem necessariamente um caráter de dominação e de alienação; é uma lei, e o seu Deus é um Deus de lei, um Deus que manda e castiga, controla, vigia e fiscaliza, um Deus que reprime e proíbe a vontade humana. Porém muitos cristãos nunca chegam ao mundo adulto, não atingem a fase adulta da vida e não recebem a revelação da mensagem de Jesus. Do cristianismo eles sabem ainda o que se lhes ensinou quando eram meninos, isto é, aquilo que justamente é pré-cristão, o que é do Antigo Testamento. Acham que conhecem Cristo e conhecem apenas os patriarcas do Antigo Testamento. O seu Deus é um Deus de temor - que os discípulos de Jesus deixaram de temer.

Ora, a glória do Pai é a vida dos homens: nestas poucas palavras poderíamos condensar toda a substância do quarto evangelho.

Na realidade, o conteúdo desta vida não é imediatamente evidente. Não se trata de um dado imediato da consciência. Não se trata de uma vida paralela, uma vida de seita, uma vida criada artificialmente num mundo diferente, separado do mundo humano. Essa é a solução das seitas religiosas, a tentação permanente dos monges e dos religiosos e, numa forma moderna e secularizada, a tentação dos revolucionários. De modo geral, a vida paralela é tentação dos *puros* de todas as espécies. Sendo o mundo atual radicalmente impuro, ambíguo e corrupto, os que se consideram *puros* procuram uma vida pura, radical, sem concessões ao mal dentro de outro mundo. Infelizmente qualquer outro mundo sempre é finalmente um mundo de ilusões. Portanto, a vida de que fala Jesus é a vida dentro deste mundo, a vida atual.

Jesus exige uma nova maneira de enxergar essa vida, uma novidade de olhar e de agir tão global e tão radical que se lhe dá o nome de vida nova e se lhe atribui um novo nascimento. O que as pessoas chamam de vida é tão errado que é preciso recomeçar tudo de novo. O erro não é, por sinal o erro dos criminosos ou dos seres sociais, e sim o erro de pessoas boas, respeitadas na sociedade.

A exigência de um novo nascimento é apresentada a um doutor da lei, Nicodemos. “Se alguém não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus” (3,3). “O que nasce da carne é carne; o que nasce do Espírito é Espírito” (3,6)

A transformação é tão grande que um novo nascimento é necessário para fazer os “filhos de Deus”. Ser “filho de Deus” não é receber um título novo ou um atributo novo. Trata-se de recomeçar uma existência nova: “estes não nasceram nem do sangue, nem da vontade carnal, nem da vontade do homem, mas de Deus é que nasceram” (1,13).

O novo nascimento é uma investidura pelo Espírito: é preciso nascer do Espírito, isto é, abandonar a vida da carne e iniciar a vida do Espírito, ou seja abandonar a vida da carne e iniciar a vida do Espírito. “Não te admires do que eu disse: que vos é necessário nascer do alto. O vento sobre onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim é todo aquele que nasceu do Espírito” (3,7s). “O Espírito é que vivifica; a carne de nada serve. As palavras que eu vos tenho dito são espírito e vida” (6,63). “- Correrão do seu seio rios de água viva. Disse isto, referindo-se ao Espírito que haviam de receber os que acreditassem nele” (7,38s).

O Espírito inspira as palavras de Jesus: não somente o modo de dizer, mas, sobretudo, o conteúdo. Do Pai e do Filho procede um modo de ser que se opõe ao modo carnal: um modo

de comunicação, de abertura e de expansão. O Espírito rompe as portas e as barreiras e faz com que a pessoa se vivifique ao entrar na corrente de amor. O Espírito assimila ao próprio Jesus os seus discípulos. Ele faz com que a inspiração de Jesus viva de novo nos seus seguidores: “rogarei ao Pai e ele vos dará outro advogado, que fique eternamente convosco: o Espírito de verdade que o mundo não pode conhecer, porque não o vê, nem conhece” (14,16s). O Espírito é quem abre para a verdade completa, a verdade de Jesus Cristo. (14,26; 15,26; 16,13).

Importa notar que a mensagem da vida nova se dirige a pessoas que já viveram muito. Não se trata de uma iniciação para as crianças e sim de uma nova iniciação. Há na mensagem um debate: o evangelho é anúncio e debate ao mesmo tempo. Pois os sistemas e as ideologias justificam de qualquer maneira a adaptação do homem ao *mundo*, isto é, aos limites de um ser que se recolhe na sua autonomia e procura salvar a sua individualidade. Jesus prega uma confiança maior na vida. Depois dele, muitos traíram-no e fizeram dele o fundador de um sistema de segurança. Porém ele queria exatamente o contrário: a confiança na vida até o risco supremo, e, portanto, uma confiança na verdade até o extremo de queimar todas as defesas próprias e todos os sistemas de retaguarda.

Ao anunciar a vida, Jesus não propõe nenhuma tarefa determinada nem se substitui aos homens para lhes dar orientação, para escolher no lugar deles. A vida permanece superior a todas as tarefas que as circunstâncias impõem. O que Jesus propõe é que as pessoas assumam a responsabilidade de interpretar o seu tempo e a sua condição social ou individual e aceitem a responsabilidade de decidirem por si mesmas. Não importa realizar tal ou qual obra predeterminada. Deus não precisa nem de templos, nem de culto, nem de cerimônias, nem de atos humanos. Deus quer apenas que o ser humano viva. Era por acaso necessária uma revelação nova para uma conclusão tão simples? A experiência mostra que justamente são essas conclusões simples que as pessoas têm dificuldade para aceitar. É muito mais fácil fixar para a vida pessoa uma meta determinada, uma obra para realizar, uma revolução social, uma obra artística, uma conquista científica ou a satisfação de desejos do que simplesmente a vida, o que envolve tudo e nada, deixando tudo à responsabilidade do *hic et nunc*. A vida da pessoa não se salva pela sua dedicação a uma *causa* - nem à pátria, nem à família, nem ao povo, nem à ciência, nem à arte. Ela precisa ser vivida e assumida em todas as circunstâncias como uma tarefa nova que é preciso renovar em cada mudança do mundo e do tempo. Nenhuma causa torna a vida justificada. Bem sabemos que a nossa falsa segurança sempre procura tais causas e que as ideologias procuram convencer as pessoas de que essa segurança é o sentido da vida. Jesus desmascara todas as *causas* às quais as pessoas se sacrificaram. A causa não justifica por si mesma. A pessoa precisa viver, ela própria, precisa pensar, decidir, escolher e dar a sua contribuição naquilo a solicita naquele momento determinado: ela é quem justifica as *causas* pelo seu modo de atuar.

OS QUE CRÊM EM SEU NOME

A entrada na vida tem nome: o mesmo que designa o novo nascimento. Esse nome é a fé. O ato que inaugura a vida nova é o ato de crer. Contudo, fé, crer, acreditar não tem no evangelho o sentido que se lhes atribui na linguagem comum. Por outro lado, a entrada na vida nova não se efetua num momento limitado; trata-se antes, de um movimento de transformação permanente. O ato inicial de fé há de refazer-se nos diversos aspectos e nas diversas circunstâncias da vida. Sempre é o mesmo ato, a mesma insistência no mesmo ato.

Porém esse ato não se acaba num instante; ele envolve todos os momentos da existência com a novidade de cada dia.

A fé e a vida estão constantemente unidas: “Aos que crêem em seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus” (1,12). Assim diz o autor no início do evangelho. Ele repete o mesmo tema no fim: “estes (sinais) foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, acreditando, tenhais vida no seu nome” (20,31). “Será levantado o Filho do Homem, a fim de que todo o que crer nele tenha a vida eterna. Pois tanto amou Deus o mundo, que entregou seu Filho único, a fim de que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (3,15s). “Quem crê no Filho tem a vida eterna” (3,36). Poderíamos multiplicar esses textos literalmente tão semelhantes. A própria multiplicidade das declarações mostra que se trata de um ponto central da missão.

Aos missionários importa ter clareza sobre a finalidade da sua missão, a meta e o termo em que ela se realiza. A finalidade é a vida. O fariseu era, muitas vezes, missionário também. Mas o objetivo da missão era, para ele, a aplicação da lei. A meta era bem determinada: que todos observassem as leis. A finalidade do missionário e da missionária cristãos é a vida: que todas as pessoas vivam realmente. E a fé é apenas outro aspecto da mesma realidade. O missionário procura o despertar e a renovação da fé. Não lhe compete fornecer às pessoas um programa de ação, como se pudesse substituir-lhes a responsabilidade por uma solução já feita. Ainda que a tentação permanente de todo apóstolo (a essência do clericalismo está nisso) seja a de *ajudar, orientar, formar*, isto é, tomar ou sugerir decisões em lugar das pessoas, *para o bem delas*, naturalmente. Essa é a “tentação de fazer o bem”: na realidade, o bem será apenas bem se for assumido pelas próprias pessoas humanas. O resto pode ser tarefa dos pais ou educadores: é uma tarefa cultural mais do que missionária.

Se a fé for tão importante, importa naturalmente entendê-la corretamente.

O evangelho que propõe exemplos da missão de Jesus, das suas obras, dos sinais que fez e da pregação que confirma e explicita os sinais, apresenta também exemplos de resposta, quer dizer, de fé.

Entre os exemplos há duas categorias, e a distinção entre elas é de máxima importância. Há pessoa que acreditam em Jesus por causa dos sinais. A sua fé é uma confiança numa era messiânica. A sua fé em Jesus é o gesto de quem se entrega a outro mais forte e lhe entrega a tarefa de orientar a sua vida. Esse tipo de fé sempre reaparece na história. É a fé dos que procuram em Jesus um apoio social ; ou procuram uma certeza, um código moral, um conjunto de convenções, uma ordem na vida pessoal. Crêem em Jesus porque ele lhes tira a obrigação de viver. Jesus bem percebe qual é o tipo de pessoa que se entrega. Não reúne os seus discípulos com base nessa fé. Os sinais devem ser apenas uma etapa e a primeira fé uma etapa na vida do discípulo. Em síntese: essa fase é apenas uma etapa se representar a passagem para uma fé autêntica.

Jesus replicou a Natanael: “Por ter eu afirmado que te vi sob a figueira, crês? Verás coisas ainda maiores” (1,50). Natanael percorreu a etapa seguinte. Outros não conseguiram.

“Enquanto Jesus esteve em Jerusalém para a festa da páscoa, muitos acreditaram em seu nome por causa dos sinais que operava. Jesus, entretanto, não se fiava neles...”(2,23s). A sua fé não vai até a realidade de Jesus, nem até a realidade da vida. Fica na superfície.

Nicodemos participa da mesma fé imperfeita: “Rabi, bem sabemos que és um mestre enviado por Deus, pois ninguém seria capaz de operar os sinais que fazes se Deus não estivesse com ele” (3,2). O diálogo seguinte mostra que Nicodemos não conseguiu alcançar a realidade.

A samaritana fica desorientada pela revelação que lhe faz Jesus: “Senhor, vejo que és um profeta” (4,19). Essa confissão, porém, ainda é uma confissão de fé. Da mesma maneira, os

galileus que se entusiasmam diante da multiplicação dos pães: “Verdadeiramente é este o profeta, o que deve vir ao mundo!” (6,14).

Mais tarde “aproximava-se a festa judaica, chamada das tendas. Por isso, disseram-lhe seus irmãos: “Sai daqui e vai para a Judéia, para que vejam também teus discípulos as obras que fazes; pois ninguém age em segredo, se pretende colocar-se em evidencia. Já que fazes tais coisas, mostra-te ao mundo” (7,2-4). O reconhecimento dos sinais não produz aqui fé nenhuma.

Os próprios discípulos ficaram na dependência dos sinais, como Tomé após a ressurreição. “Porque me viste, Tomé, tu acreditaste. Felizes dos que crêem sem ter visto” (20,29). Contudo, Pedro soube exprimir um verdadeiro ato de fé, enquanto vários discípulos murmuravam por causa do discurso sobre o pão da vida. “Senhor, respondeu-lhe Simão Pedro, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna” (6,68).

O cego de nascença fornece o modelo mais completo, talvez, de uma fé simples e autêntica. “Soube Jesus que o tinham expulsado e, encontrando-se com ele, disse-lhe: - Crês no Filho do homem? Respondeu ele: - Quem é, senhor, para que eu creia nele? Declara-lhe Jesus” - Tu o estás vendo: é o que fala contigo. - Creio Senhor! Exclamou e prostrou-se diante dele” (9,35-38).

Marta também expressa a fé em Jesus: “Sim, Senhor, eu creio seres tu o Cristo, o Filho de Deus que veio ao mundo” (11,27).

A fé e a resposta dada à manifestação a glória de Jesus. Porém não basta qualquer resposta. Há formas de adesão, aclamação, aceitação de Jesus que respondem a uma expressão de messianismo. Certas pessoas estão à procura de um chefe, um líder que lhes tire a responsabilidade individual. Aclamam a Jesus como chefe para poder depender dele. Outros encontram nele um símbolo de ordem social e de tranqüilidade: fazem dele o fundador da “civilização cristã”. Isso não é fé e sim o contrário da fé. Assim os fariseus fizeram de Moisés um símbolo do seu sistema fechado. Moisés era precursor de Cristo e fizeram dele o seu adversário.

A fé não procura em Jesus um apoio, uma ajuda para a vida. Não é o substituto nem da ciência, nem da consciência. Não pode ser uma filosofia fácil e barata para o povo, uma filosofia para a sensibilidade e a afetividade do povo, como entendem as elites dirigentes da sociedade ocidental de hoje. Todos esses não conhecem a Jesus.

O ato de fé verdadeiro é um *reconhecimento* da realidade de Jesus além de todas essas deformações. Longe de ser uma entrega da sensibilidade, da afetividade consciente ou inconsciente, a fé é um conhecimento. O evangelho insiste no tema do conhecimento que destaca de modo excepcional. O que é esse “conhecer”?

ELAS ME CONHECEM

Conhecer a Jesus é conhecer o Pai. Ora, ninguém conhece o Pai simplesmente por experiência pessoal, por reflexão ou por observação da realidade exterior. A verdade sobre o Pai permanece oculta aos olhos das pessoas porque o seu olhar não é puro e espontaneamente colocam em Deus a projeção das suas paixões (desejos e temores, angústias e invejas, etc.). “Jamais alguém viu a Deus. O Filho único que está no seio do Pai, este o deu a conhecer” (1,18).

“O mundo não o conheceu” (1,10). Contudo os discípulos conheceram-no. Os que o conheceram receberam o nome de discípulos. Jesus não quis dar-lhes o nome de sábios - os que já sabem, - e sim o nome de discípulos - os que aprendem, - porque ninguém é mestre na

ciência de Jesus Cristo. Todos são alunos, todos são principiantes sempre. Porém eles sabem e conhecem. Importa saber de que ciência se trata.

Os samaritanos dizem à mulher que lhes mostrara Jesus: “Já não cremos pelo que disseste; nós mesmos o ouvimos e sabemos ser este verdadeiramente o salvador do mundo” (4,42). Com isso, eles não recitam um dogma, mas exprimem uma convicção que se fixou no seu espírito.

Com o decorrer dos tempos, todos os pensamentos acabam institucionalizando-se. As convicções, as intuições transformam-se pelo uso, pela repetição, em formalismos. A fé passa a ser colocada em fórmulas. A reunião dos crentes transforma-se na reunião dos habituados que, para se identificarem entre eles e defenderem a segurança do grupo, formulam uma ortodoxia. Todo grupo humano, até os grupos que partem com uma vitalidade mística e com um fervor de santos, se transforma com o tempo numa rotina e numa ortodoxia. A própria instituição pouco se interessa pela fé dos membros e muito pela sua ortodoxia: que digam as fórmulas corretas e, pouco importa o que pensam. Ora, o desejo de segurança é tão grande que muitos, quase todos, preferem não se perguntar a respeito das suas convicções e seguem a ortodoxia do grupo, mesmo sem saber de que se trata. Assim sucedeu também com o cristianismo. Deu lugar a uma ortodoxia (várias quando houve cismas, tendo cada seita ou igreja separada a sua ortodoxia), e muitos se acham cristãos porque aderem à ortodoxia. Subjetivamente a ortodoxia gera homens de convicção mais inabalável do que a fé. A ortodoxia pode gerar fanatismo, apego incondicional, entusiasmo total. Aos olhos superficiais, o ortodoxo é um exemplo de pessoa de fé. Na realidade, pode não ter fé nenhuma, mas somente apego a uma instituição que lhe traz vantagens psicológicas (segurança, impressão de comunhão, etc.). O que Jesus espera dos seus discípulos é um verdadeiro conhecimento, não um conhecimento de ortodoxia. Conhecer Jesus é entrar em comunhão espiritual com ele, receber dele comunicação de Espírito. Esse conhecer é um ato, uma atenção, uma obediência ao real, uma abertura da mente para a revelação que Jesus faz de si mesmo.

A missão também não consiste em expandir uma ortodoxia a fim de suscitar a fé, o conhecimento de Jesus Cristo. Naturalmente, os meios dependem do fim. Para suscitar, manter ou difundir uma ortodoxia, os meios mais adaptados são a educação das crianças, a pressão social, a infiltração na cultura, na propaganda, nos meios de comunicação de massas. Esses meios, por si, desenvolvem perfeitamente tais disposições. Ao invés, não convém para a propagação da fé. Pelos meios que usa, se saberá se a missão está a serviço da fé ou a serviço de uma ortodoxia. O próprio Jesus não usou os recursos que uma civilização coloca à disposição das ortodoxias: pressão educativa, social, psicológica, cultural. A palavra dele ressoa no coração dos pobres sem os artificios que despertam os mecanismos psicológicos (temor, angústia, fusão social, etc.).

“Eu sou o bom pastor; eu conheço as ovelhas que me pertence, e elas me conhecem, como o Pai me conhece e eu conheço o Pai” (10,14s).

Aos discípulos Jesus lembra esse conhecimento: “Já não vos chamo servidores, porque o servidor não sabe o que faz o senhor; chamei-vos, porém, amigos, porque vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai” (15,15). Jesus repete o mesmo tema na oração final ao Pai: “Manifestei eu nome aos homens que tiraste do mundo para dá-los a mim. Eram teus e me quiseste dá-los, e eles guardaram tua palavra. Agora conheceram que tudo quanto me deste vem de ti, porque as palavras que me deste, eu as entreguei a eles, e eles as receberam e conheceram ser verdade que eu saí de ti, e creram que tu me enviaste” (17,6-8).

A ciência de Jesus é idêntica à ciência do Pai. Conhecer Jesus é conhecer o Pai. Aqui devemos citar o famoso diálogo com Felipe tantas vezes citado na teologia contemporânea:

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida, Ninguém vai ao Pai, senão por mim. Se me conhecêsseis a mim, conheceríeis também a meu Pai. Desde já, o conheceis e o vistes”. Disse Felipe: “Senhor, mostra-nos o Pai, e isto nos basta”. “Há tanto tempo que convivo convosco, disse-lhe Jesus, e ainda não me conheceis, Felipe? Quem me viu, viu o Pai. Como podes dizer: - Mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e o Pai em mim? Não vêm de mim as palavras que vos digo: o Pai, que permanece em mim, ele é quem realiza essas obras” (14,6-10).

Portanto, conhecer realmente Jesus é reconhecer e perceber que ele é a presença do Pai, o enviado do Pai em quem o Pai colocou todo o seu ser. Conhecer a Jesus é reconhecer Deus nele: por conseguinte, é uma visão nova de Deus e uma visão nova da humanidade de Jesus. Visão nova de Deus. Doravante, Deus não se conceberá mais com imagens e atributos de majestade na linha do temor e de tudo o que nas realidades criadas suscita o temor. As pessoas não teriam imaginado a Deus na forma de Jesus. Conhecer Deus é realizar uma inversão dos valores aceitos pelos seres humanos. Visão nova da humanidade: pois não é preciso buscar no fantástico, representações corretas de Deus: aqui está na vida humana de Jesus.

Esse conhecer não se apresenta como atividade específica particular ao lado de outras; não é nenhuma ciência particular: não requer nem iniciação, nem aprendizagem, nem metodologia. Não consta de doutrinas, conceitos ou palavras especiais; não consta de discursos, nem de argumentos. O discípulo conhece Jesus e o Pai sem experiência, sem que a sensibilidade lhe dê sinais de um conhecimento novo. Conhece a Jesus por convivência. Não basta a convivência material, evidentemente. Trata-se de uma convivência atenta, aberta e ativa, uma convivência com participação. Os discípulos participaram do modo de viver de Jesus; aprenderam a relacionar-se com as pessoas do mesmo modo que Jesus, a reagir da mesma maneira, a sentir, ver e compreender as coisas e os acontecimentos como Jesus, ainda que de modo sempre imperfeito que suscitava as queixas do mestre. Contudo, adquiriram assim uma verdadeira ciência do que consiste a fé. Essa é a ciência da qual o apóstolo é portador e ao serviço da qual está a missão que recebe. O missionário não é propagandista de uma pessoa, de um líder que permaneceria exterior às criaturas humanas. Ele vem para criar uma convivência e despertar um conhecimento novo de Deus através de Jesus Cristo. Naturalmente, a fé não depende dele e sim da atração do Pai e do Filho, mas toda a missão dele é instrumento a serviço da missão do Filho.

O conhecimento faz com que a pessoa tenha acesso à verdade, aquela verdade que é o próprio Filho, e também com que possa viver na verdade. Dentro de tal perspectiva, o conceito de verdade adquire um significado completamente renovado e mais completo do que os significados que os filósofos puderam elaborar. O que é viver na verdade?

A VERDADE VOS LIBERTARÁ

A verdade é outro tema do quarto evangelho. A vida é conhecer e conhecer é viver na verdade. Todos esses temas são da mais alta generalidade. Nos três casos, encontramos uma afirmação de transcendência e ao mesmo tempo de imanência. Em Jesus Cristo há uma realidade que supera radicalmente o que se pode experimentar na vida das civilizações. Estas se tornam todas relativizadas. Porém, ao mesmo tempo, Jesus Cristo não constitui outro sistema particular ao lado dos anteriores. Nele se destaca e aparece em forma livre e autônoma a verdade que permanecia oculta ou reprimida ou escravizada em todas as culturas.

A verdade não é um “conjunto de verdades”, um “sistema de verdades”, menos ainda “uma filosofia que seria verdadeira”. Jesus não vem fazer uma opção entre todas as sentenças ou todos os pensamentos. A verdade resulta de uma separação entre todas as verdades e todas as mentiras que há no mundo. A verdade é a libertação daquilo que permanecia na confusão. Proclama-se a realidade e separa-se da ilusão. Ao mesmo tempo, a verdade que havia na pessoa humana recebe confirmação, força, firmeza. Dar força à realidade que está no mundo é fazer aparecer a verdade.

Essa verdade é a verdade de tudo: restabelecimento de toda a realidade e todas as suas partes na sua justa relação: fazer com que as coisas sejam restabelecidas naquilo que elas são.

O mundo pode buscar *verdades* e permanecer apegado a *verdades* parciais. Não pode, nem quer buscar a verdade total: esta o condenaria. Os judeus são *mentirosos*, diz Jesus (8,55). Muitas das coisas que dizem são verdades. Porém o conjunto é mentira, porque o conjunto é uma construção destinada a enganar e a impedir o acesso à verdade total. Daí um estado de mentira total. Em Jesus está a verdade, porque conhecer a Jesus é penetrar no mundo da verdade, é tomar uma atitude que permita penetrar na realidade total. Um discípulo pode enganar-se, mas não pode viver na mentira.

Por isso, a verdade que há em Jesus não permite deduzir nenhuma ciência particular. Dessa verdade não podemos tirar conclusões que possam substituir o esforço da observação e da experiência e de todas as operações da razão. Trata-se de uma verdade radical que permite retificar e reassumir todas as tarefas humanas de acordo com a sua realidade: um novo nascimento de todas as ciências.

Em Jesus apareceu a verdade de tal modo que nos seria possível doravante viver na verdade. “Era a luz verdadeira” (1,9). “Cheio de graça e de verdade” (1,14). “A graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo” (1,17).

Jesus é o verdadeiro: a verdade aparece em todos os seus atributos. Ele é “o verdadeiro pão do céu” (6,32), a “verdadeira videira” (15,1). Diante de Pilatos, Jesus proclama: “Para isto nasci e vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta minha voz” (18,37).

“Vem a hora e já é chegada, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade” (4,23). “Que fique convosco o Espírito da verdade que o mundo não pode receber” (14,17). “Quando ele vier, o Espírito da verdade conduzir-vos-á à verdade completa” (16,13). “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (8,32). “Consagra-os na verdade: tua palavra é a verdade. Como me enviaste ao mundo, assim eu os envio ao mundo. E, por eles, me consagra a mim mesmo, a fim de que sejam consagrados na verdade” (17,17s).

A união entre estes temas pode parecer artificial. Na realidade, há uma forte correlação entre a missão e a verdade. Não somente no sentido trivial de que a missão teria por objetivo ensinar a verdade, mas, sobretudo porque a missão é a verdade da pessoa humana. A verdade é o Pai que envia o Filho e esse movimento estabelece a realidade de todas as coisas. Ao entrar na missão, a pessoa sai da mentira e entre na verdade. A convivência e a participação na missão do Filho constituem uma libertação da mentira e o acesso à verdade da sua existência, que é, ao mesmo tempo, a verdade do mundo e a verdade de todos os seres.

PERMANECEI EM MIM

A condição do discípulo é permanente. A fé, o saber, o conhecer novo, o descobrimento da verdade geram uma condição nova; trata-se de viver nessa condição. Daí o tema de *permanecer* em Jesus e no Pai.

Contudo o interesse do tema consiste também nisto que o conteúdo da permanência leva o evangelista a salientar o conteúdo concreto de todos os temas anteriores. A missão do Filho procede do amor do Pai: amor do Pai pelo Filho e amor pelo mundo. Os discípulos conhecem o Filho e o Pai por uma participação nesse amor: no amor aos homens é que o discípulo faz a experiência concreta da verdade. Esse conteúdo estava latente em cada um dos temas anteriores. Jesus explicita-o a propósito do “permanecer”.

“Permanecei em mim, como eu em vós... O que permanecer em mim, e eu nele, esse produz muito fruto; porque sem mim nada podeis. Se permanecerdes em mim, permanecerão também em vós as minhas palavras... Como o Pai me amou, também eu vos amei. Permanecei no meu amor. Se observardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, como eu cumpri os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor... Este é o mandamento: Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei” (15,4-12). “Se me amais, guardareis os meus mandamentos. E rogarei ao Pai, e ele vos dará outro advogado, que fique eternamente convosco... Vós o conheceis porque permanece entre vós e está em vós” (14,15-17). “Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos tenho amado, amai-vos assim também vós mutuamente. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (13,34s).

Seria contrária à inspiração cristã, sobretudo à inspiração do quarto evangelho, a explicação que reduzisse o amor das pessoas “umas às outras” aos sentimentos de fraternidade ou a uma solidariedade dentro de uma comunidade fechada. A perspectiva de Jesus é a da humanidade inteira e da redução de todos numa unidade. O amor mútuo é amor aberto para além dos limites das comunidades naturais ou culturais.

A missão atinge assim o seu ponto final ou volta ao ponto inicial, que é o amor que procede do Pai. A origem do movimento é o amor do Pai e o amor marca o mesmo movimento em cada uma das suas etapas. Conhecer Jesus é conhecer o movimento do qual ele é o centro, conhecer por um amor ativo.

A pessoa que assim renasce, aparece totalmente indefinida. De fato não se pode definir por nenhuma característica. Contudo, ela passou por uma transformação radical. Passar do mundo para a condição de discípulo é passar da morte para a vida, da mentira para a verdade, da ignorância para o conhecimento. Essas oposições tem por finalidade sublinhar a radicalidade da mudança. Aliás, o próprio sujeito não poderia avaliar desde o início a amplitude da mudança. Poder percebê-la é justamente um dos frutos da conversão. Quem fica preso no mundo não pode nem saber de que se trata. A libertação pela verdade produz a consciência do processo.

A missão vem do amor do Pai e esse amor se torna presente na pessoa pelo amor do apóstolo. Não seria amor a propaganda, o proselitismo, a conquista cultural, a projeção de uma instituição religiosa. Seria antes afirmação de si, egocentrismo individual ou, sobretudo, coletivo. Mas a comunicação da verdade que se manifestou em Jesus Cristo, sim, é amor porque liberta. Dessa maneira o amor do Pai é participado pelos seres humanos e a participação nesse amor faz a verdade do ser humano. Descobrir a verdade não é outra coisa a não ser quebrar os limites e as barreiras da pessoa fechada em si mesma para entrar na corrente aberta por Jesus Cristo.

6. “Um Julgamento” (9,39)

OS TESTEMUNHOS

Vimos a missão do Filho, a manifestação da sua glória, o nascimento dos discípulos para uma vida na verdade, e vimos também a incredulidade do mundo. Estes elementos compõem a visão de Jesus proposta por João. Contudo o evangelista não recolhe apenas certas tradições cristãs. Ele próprio elabora uma primeira síntese. O conceito que lhe permite sintetizar os diversos temas é o julgamento.

O conjunto dos acontecimentos ao redor da vinda de Jesus na humanidade constituem um *juízo*. Naturalmente, não se trata de um julgamento comum num tribunal comum. É uma comparação. Poderíamos falar em um debate. Mas o debate não tem necessariamente uma conclusão e aqui houve uma conclusão. Poderíamos falar também de um combate. Porém num combate os adversários lutam por meio de armas e de modo violento. No nosso caso, somente os judeus, que são o mundo, atuam com violência. Jesus, pelo contrário, usa somente a palavra para se defender - a palavra e as suas obras, ou seja, a sua vida. A palavra *combate* é inconveniente e corre o risco de ocultar o que era preciso salientar. O julgamento destaca a presença desarmada de Jesus, a sua atuação não-violenta.

Por outro lado, o tema do julgamento destaca o caráter público da vida de Jesus e dos acontecimentos relacionados com ela. Era preciso evitar toda confusão de Jesus com personagens de vida privada ou de instituições privadas; Jesus não podia aparecer como sacerdote, professor, filósofo, sábio ou escriba. Essas funções são muito particulares, dizem respeito à vida privada. Ao contrário, o julgamento é um ato público e a vida de Jesus foi inteiramente um ato público: falamos da sua vida de missionário, de enviado.

Nesse julgamento há uma acusação: a dos judeus contra Jesus; esta acusação invoca uma lei, a lei de Moisés. Há uma defesa: a de Jesus que invoca as testemunhas que o podem defender. O processo foi aparentemente provocado pelos judeus que acusam e levam Jesus ao tribunal. Na realidade, quem dirige os acontecimentos é o Pai e o próprio Jesus a quem o Pai entregou o julgamento. Ele próprio se apresenta. O julgamento resulta numa condenação de Jesus: segue-se a morte do supliciado. Contudo, nesse momento Deus produz uma inversão do julgamento. O vencido torna-se vencedor. Pela ressurreição, o que acontece é a vitória do condenado. Os seus acusadores são condenados. Ou antes, não são condenados, mas condenam-se a si mesmos. Pois o verdadeiro juiz é o Pai e o Filho com ele. E o julgamento que há por trás dos acontecimentos é pronunciado pelo Pai. O julgamento consiste num perdão: o Filho não vem para castigar e sim para salvar. Somente se condenam os que não querem a salvação. Desse julgamento procede a conversão e o novo nascimento dos novos filhos de Deus.

Eis, em poucas palavras, o julgamento descrito por João e que lhe fornece o esquema do seu evangelho. Vejamos esse julgamento nas suas diversas partes.

O próprio Jesus usa a imagem do julgamento. “É para um julgamento que eu vim ao mundo” (9,39). E para destacar o paradoxo desse julgamento acrescenta, aludindo a Isaías: “Para que os que não vêem vejam, e os que vêem não vejam”.

Jesus traz as suas testemunhas. Houve primeiro, o testemunho de João (Batista) no qual o quarto evangelho insiste com um interesse que sempre surpreendeu os leitores. “Apareceu um

homem, enviado por Deus. Se nome era João. Veio como testemunha” (1,6s). João dá o seu testemunho (1,15.19-34.36; 3,25-30): “testifico ser este o Filho de Deus” (1,34). O próprio Jesus invoca o testemunho de João: “Vós mandastes perguntar a João e ele deu testemunho da verdade. Eu, porém, não invoco testemunho humano; se vos digo isto, é para vossa salvação” (5,33s).

Junto a João Batista intervêm as Escrituras. “Perscrutais as Escrituras, pensando ter nelas a vida eterna; ora, elas também dão testemunho de mim” (5,39).

Jesus defende-se pelo seu testemunho pessoal; invoca a sua autoridade para falar. Afirma o valor do seu testemunho apesar das leis judaicas que não aceitam o testemunho de uma só pessoa, principalmente tratando-se do acusado. Esse testemunho de Jesus esteve presente durante toda a sua missão: foram todos os seus discursos, todas as palavras pronunciadas publicamente. A elas se refere diante do sumo sacerdote: “Eu falei abertamente ao mundo; ensinei sempre na sinagoga e no templo, onde se reúnem os judeus; nada falei às ocultas. Por que me interrogas? Pergunta aos que ouviram o que lhes ensinei: eles bem sabem o que eu disse” (18,20s).

“O que sabemos falamos e o que vimos testemunhamos, e nosso testemunho não recebeis”, dizia já a Nicodemos (3,11). “O que vem do céu é superior a todos e testifica o que viu e ouviu; todavia, ninguém recebe o seu testemunho” (3,31s). “Objetaram-lhe os fariseus: “Tu testificas de ti mesmo, logo o teu testemunho não é verdadeiro”. Jesus contestou: “Embora eu testifique de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei de onde vim e para onde vou; vós, porém, não sabeis de onde venho nem para onde vou” (8,13s).

Todavia, Jesus não oferece apenas a sua palavra como testemunho. Valem também as suas obras. Para adotar o modo jurídico dos judeus, que requer duas testemunhas, Jesus apresenta esse argumento das obras como sendo o testemunho do Pai. Assim serão duas as testemunhas, ele e o Pai.

“Mas eu tenho um testemunho maior que o de João: as obras que o Pai me deu para levar a cabo; as obras que eu faço dão o testemunho de que o Pai me enviou. Sim, o Pai, que me enviou, dá testemunho de mim” (5,36s). “Na vossa lei está escrito que o testemunho de duas pessoas é verdadeiro. Eu sou o que dá testemunho de mim mesmo e também dá testemunho de mim o que me enviou, o Pai” (8,18). “As obras que faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim” (10,25).

A ACUSAÇÃO

A acusação dos judeus foi enunciada claramente no tribunal do governador romano. Jesus violou a lei. A lei acusa-o, isto é, a lei de Moisés. A declaração feita a Pilatos deve exprimir o resumo de todas as queixas feitas nessa circunstância: “Nós temos uma lei, e segundo esta lei deve morrer, porque se diz Filho de Deus” (19,7). O crime é a blasfêmia. O mesmo crime já fora denunciado a propósito da festa da dedicação e do discurso que Jesus pronunciou na ocasião. Os judeus quiseram apedrejá-lo (10,31) “por causa da blasfêmia; pois, não sendo mais que um homem, tu te fazes Deus” (10,33).

Já anteriormente outras acusações de infrações contra a lei foram denunciadas. Depois da cura do paralítico “perseguiam os judeus a Jesus, porque fazia tais coisas no dia de sábado” (5,16). Jesus invocou a autoridade do Pai, mas “a estas palavras os judeus, com mais empenho, procuravam matá-lo; pois não só violava o sábado, mas dizia ser Deus seu próprio Pai, fazendo-se assim igual a Deus” (5,18s).

O êxito junto às massas populares atíça mais ainda a ira dos chefes do povo, pois confirma o seu desprezo pela lei. Dizem: “Acaso algum dos chefes ou dos fariseus acreditou nele? Mas esse povo, que não conhece a lei, é maldito” (7,48s).

Essa lei que devia preparar o advento da palavra de Deus, os fariseus fizeram dela um obstáculo e um argumento para rejeitar essa palavra. Da palavra divina revelada no passado, os fariseus fizeram um instrumento em suas mãos, à sua disposição, para a sua própria segurança.

Fiéis à letra da lei, os fariseus são infiéis ao seu espírito. Em lugar de obedecer à lei, fizeram dela o instrumento das suas paixões. Jesus podia lançar-lhes esta acusação: “Não vos deu Moisés a lei? No entanto, nenhum de vós observa a lei” (7,19). Aliás, o seu desprezo radical pela lei se manifestou nos argumentos que os convenceram, finalmente, da necessidade de matar a Jesus. O argumento final foi o medo dos romanos, isto é, a submissão à ordem romana, ordem que era humilhação para a nação. Assim, os defensores zelosos da lei revelam que não são nada mais do que os defensores da sua própria tranqüilidade e segurança. Praticam o servilismo junto às autoridades pagãs. Os chefes da nação se deixam corromper ao ponto de condenar a Jesus por submissão à ordem do Cesar romano: “Não temos outro rei senão Cesar!” (19,15). “Se o soltas, dizem a Pilatos, não és amigo de Cesar; todo aquele que se faz rei opõe-se a Cesar” (19,12). Tinham denunciado a Jesus como perturbador da ordem romana, como pretendente ao trono de Israel. O conselho de todas as autoridades judaicas definira essa posição (11,45-57): “Esse homem está operando muitos sinais. Se o deixarmos continuar assim, todos crerão nele, e virão os romanos e destruirão nosso lugar santo e nossa nação” (11,48). A acusação é o crime contra a lei; mas o motivo real da denuncia ante os romanos é a procura da tranqüilidade e da ordem. Naturalmente, os beneficiários dessa ordem são eles próprios.

A acusação dos judeus não constitui apenas um episódio histórico superficial. Na realidade, é apenas a manifestação principal de uma hostilidade que se renova incessantemente durante toda a história. O processo feito a Jesus já existia antes, por exemplo, na perseguição dos profetas, e ela continuará depois na perseguição aos discípulos. A acusação dos chefes de Israel expressa aquilo que o evangelho apresenta de modo muito mais geral nestes termos: “o mundo não o conheceu” (1,10).

A HORA

Aproxima-se a hora do julgamento. Espera-se a hora da conclusão do debate. Esta hora torna-se cada vez mais iminente. Pelo que se depreende da história, a hora foi marcada pelos judeus. Eles reuniram o seu conselho e resolveram prender Jesus e entregá-lo aos romanos. Aparentemente, toda a iniciativa é deles. A reunião do conselho foi decisiva: “a partir deste dia, resolveram matá-lo” (11,53). Depois disso veio a prisão de Jesus (18,1-11). Levaram-no aos chefes dos sacerdotes (18,12-27) e daí ao palácio de Pilatos para conseguir dele uma condenação à morte (18,28-19,15). Pois, diziam eles, “não nos é permitido condenar ninguém à morte”(18,31). Conseguiram a condenação (19,16). “Apoderaram-se, pois, de Jesus. E ele carregando a cruz, saiu da cidade, rumo ao lugar chamado Calvário, em hebraico Gólgota, onde o crucificaram” (19,17s).

Em tudo isso, exteriormente, Jesus permaneceu passivo, vítima resignada em mãos dos seus opressores. Morreu sem poder resistir, foi sepultado, e realizou-se o que ele disse na cruz antes de morrer: “Tudo está consumado” (19,30).

Todavia, esta última palavra de Jesus tinha dois sentidos. Por um lado, consumir quer dizer chegar ao ponto mínimo, ao ponto zero; por outro lado, pode significar chegar ao ponto máximo, ao ponto perfeito. Jesus quer dizer por um lado que alcançou o ponto mais baixo da sua trajetória, mas também, por outro lado, que alcançou o ponto mais alto.

O evangelho destaca que, na realidade, Deus decidia e orientava os acontecimentos. Essa providencia não suprime a culpa das criaturas humanas. Estas decidiram livremente e comprometeram toda a sua responsabilidade na morte de Jesus. Porém Deus sabe dar aos acontecimentos um alcance que supera o efeito imediato dado pela humanidade. É verdade que o efeito da iniciativa dos judeus foi uma morte bem real de Jesus. Mas Deus podia dar a essa morte um valor novo. Essa morte que, no parecer dos judeus, eliminava a Jesus do destino da nação e da humanidade, o colocava, na realidade, no centro da história. O que devia ser a suprema humilhação transformou-se numa exaltação. Deus prosseguia o seu julgamento por meio do julgamento superficial dos judeus. Por trás dos acontecimentos visíveis, havia outro julgamento, completamente inverso.

A derrota final de Jesus foi a sua vitória. Por isso ele falou sempre da sua condenação como da sua hora. Era a hora marcada por Deus, e a hora do triunfo. Ele devia sair vencedor do julgamento apesar das aparências de derrota. Melhor dito: o que era realmente uma derrota converteu-se numa vitória.

A hora foi marcada pelo Pai. “Minha hora ainda não é chegada” (2,4), dizia Jesus em Caná. “Tentavam prendê-lo; mas nenhum deles lhe pôs a mão, porque não era chegada ainda a sua hora” (7,30). “E ninguém o prendeu, porque ainda não tinha chegado a sua hora” (8,20). Porém, mais tarde, o próprio Jesus anuncia: “É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem” (12,23). “Agora se perturba a minha alma. E que direi? Pai livra-me desta hora! Mas é para isto que cheguei a esta hora. Pai, glorifica o teu nome!” (12,27s). “Antes da páscoa, sabendo Jesus que chegara a hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, deu-lhes a extrema prova de amor” (13,1). E no fim da oração da ceia: “Pai, chegou a hora!” (17,1).

Os acontecimentos seguintes parecem mostrar a dependência total de Jesus, mas o evangelista nota que tudo sucedeu para que se realizasse a vontade do Pai publicada nas Escrituras. Tiraram à sorte a sua túnica: “cumprira-se, assim, a profecia: - Repartiram entre si as minhas roupas, sortearam a minha túnica”(19,24). “Depois, sabendo que estava tudo acabado, dando cumprimento a Escritura, disse: “Tenho sede” (19,28). Não lhe quebraram as pernas: “isto sucedeu para que se cumprisse a Escritura: - Nenhum osso lhe será quebrado” (19,36). E a Escritura diz também: “Contemplarão aquele que transpassaram” (19,36).

A Pilatos, que se vangloria de ser o dono dos acontecimentos, Jesus responde tranquilamente: “Nenhum poder terias sobre mim, se não te houvesse sido dado do alto” (19,11). Quer dizer que tudo o que acontece nesse momento segue um plano divino. O julgamento não é o que Pilatos acha.

Na realidade, o julgamento será o triunfo de Jesus, pois a morte termina na ressurreição. O intervalo será muito breve. “Ainda um pouco de tempo, e o mundo não mais me verá. Mas vós me haveis de tornar a ver, porque eu vivo e vós também vivereis” (14,19). “Ouvistes que vos disse: Vou e retorno a vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá ao Pai, porque o Pai é maior que eu. Eu vo-lo disse agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis. Já não falarei mais convosco, porque está para chegar o chefe deste mundo. Ele não pode nada contra mim; mas cumpre que o mundo saiba que eu amo o Pai e faço como o Pai me ordenou” (14,27-31).

“Mais um pouco de tempo, e não me vereis; e após outro pouco, tornar-me-eis a ver” (16,16; comp. 16,5-7.17-24). Duas comparações ilustram essa mudança de situação, esse passo de

uma destruição e de um mal para um bem e uma edificação: a comparação do grão, isto é, da semente, e a comparação do parto. Uma dor breve prepara uma alegria durável.

“Se o grão de trigo não cair na terra e morrer, ficará só; quando morre, porém, dá muito fruto. Quem ama sua vida, perdê-la-á; e quem, neste mundo, odeia sua vida, guardá-la-á para a vida eterna” (12,24s).

“Em verdade, em verdade vos digo: chorareis e gemereis ao passo que se alegrará o mundo. Vós estareis na tristeza; mas vossa tristeza se converterá em alegria. A mulher, quando está para dar à luz, se entristece, porque é chegada a sua hora; nascida, porém, a criança, não lembra mais das dores, pela alegria de ter nascido um novo ser para o mundo. Pois assim também vós: agora estais tristes; mas vos tornarei a ver, e alegrar-se-á vosso coração, e ninguém vos poderá tirar vossa alegria” (16,20-22).

Desse modo, a derrota de Jesus torna-se vitória. A ressurreição está de tal modo ligada à morte que ambas formam uma só realidade, de tal sorte que João dá os nomes de vitória ao conjunto formado pelos dois acontecimentos.

A hora de Jesus é hora da vitória: “Tende confiança: eu venci o mundo” (16,33). É a hora da exaltação: “Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que seja levantado o Filho do Homem, a fim de que todo o que crer nele tenha a vida eterna” (3,14s).

“Quando houverdes levantado o Filho do Homem, então sabereis quem sou eu, e como nada faço por mim mesmo” (8,28). “Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim” (12,32). A própria crucifixão de Jesus tinha dois significados: levantar para o suplício e para a glória.

Glorificação é outro nome dado ao suplício da cruz para lhe manifestar o significado definitivo. A cruz é o caminho para a glória, isto é, a comunicação da vida do Pai: “Pai, glorifica o teu nome!” (12,28; cf. 13,31; 17,1.5).

A “via crucis” é na realidade o caminho para o Pai. Jesus vai para o Pai. “Na casa do meu Pai há muitas moradas; se assim não fosse, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar. E depois que eu for, e vos houver preparado o lugar, virei outra vez e vos levarei comigo” (14,2s). “Vou ao Pai” (14,12). “Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá ao Pai” (14,28). “Saí de meu Pai e vim ao mundo; outra vez deixo o mundo e vou para o Pai” (16,28): eis a conclusão do julgamento; terminou o ciclo.

O JULGAMENTO DO MUNDO

O fim do julgamento foi a vitória de Jesus. E o que foi que aconteceu com o mundo? Também houve julgamento para o mundo. A vitória de Jesus foi a condenação do mundo. Mas de que modo? Pode-se falar em condenação?

Em primeiro lugar, a vitória de Jesus constitui a condenação do “príncipe deste mundo”. Este perde o seu reino. O mundo deixa de lhe pertencer. Ele lançou todos os seus poderes contra Jesus, mas em vão. “Está para chegar o chefe deste mundo. Ele não pode nada contra mim” (14,30). “Agora chega o momento de ser julgado este mundo; agora o chefe deste mundo será lançado fora”(12,31). “O chefe deste mundo já está julgado” (16,11).

Quanto ao mundo, Jesus não veio para julgá-lo, e sim para salvá-lo. Portanto, a justiça de Deus não é aquela que submete as pessoas às normas de uma lei. A justiça de Deus consiste em perdoar e salvar. Somente há julgamento e condenação para quem não aceita a salvação oferecida. Este não é julgado e sim se julga a si mesmo e se condena, ao rejeitar a salvação. Pois o mundo está condenado e perdido em si mesmo; está nas trevas e quem rejeita a luz permanece nas trevas.

“Não mandou Deus o Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. Quem crê não é julgado; quem não crê já está julgado, porque não acreditou no nome do Filho único de Deus” (3,17s), e, portanto, rejeitou a única fonte de salvação que é o Filho de Deus. Este se condena a participar da sorte deste mundo, separado da luz. “Este é o motivo do julgamento: a luz veio ao mundo e os homens preferiram a escuridão à luz, porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, para que as suas obras não apareçam ao claro. Mas aquele que pratica a verdade aproxima-se da luz, para que apareçam as suas obras, porque são feitas em Deus” (3,19-21).

“Se alguém escuta as minhas palavras e não as guarda, eu não o julgo, porque não vim para julgar o mundo, mas para salvá-lo. O que me rejeita e não recebe as minhas palavras tem já quem o julgue: a palavra que anunciei, ela o julgará no último dia” (12,47s), porque tendo ouvido a palavra, ele não a aceitou.

“O Pai não julga a ninguém; confiou ao Filho todo julgamento... Quem escuta minha palavra e acredita naquele que me enviou tem a vida eterna e não está submetido ao julgamento; mas passou da morte à vida... Não vos admireis: vem a hora em que todos os que jazem nos sepulcros ouvirão a sua voz; os que tiverem feito boas obras sairão para a ressurreição da vida; os que tiverem agido mal, para ressurreição da condenação. Eu, por mim mesmo, nada posso fazer. Julgo segundo o que ouço; e o meu julgamento é justo, porque não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (5,22-30).

Na controvérsia com os fariseus, Jesus anuncia esse julgamento: “Morrereis no vosso pecado” (8,21). “Morrereis nos vossos pecados, se não crerdes que eu sou” (8,24). Pois, pela sua incredulidade, por sua vontade de matar e pela negação da verdade, eles são os filhos do chefe deste mundo e participarão da sua sorte: “Vós tendes o diabo por pai, e quereis cumprir os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o principio e não permaneceu na verdade, porque não há nele verdade; quando ele mente, faz o que lhe é próprio: ele é mentiroso e pai da mentira” (8,44).

Assim, a morte de Jesus, que faz aparecer a mentira, o homicídio, a escravidão do pecado nas pessoas que o levaram à condenação, longe de ser uma salvação como dizia Caifás, é justamente o julgamento. A cruz de Jesus é vida para uns e morte para outros. Os que o levaram a essa cruz, se condenaram a si mesmos, porque rejeitaram aquele que os podia salvar da morte.

Para os outros, não há julgamento e sim salvação, perdão. A cruz de Jesus foi a manifestação da sua glória: vida, luz, permanecer no Filho e no Pai. “Eu não vim para julgar o mundo e sim para salvá-lo” (12,47). Em lugar do julgamento do mundo, o que sucede é a manifestação da glória do Filho. Pois a missão passou de um julgamento para uma salvação. Dissemos antes que todo o drama de Jesus no mundo era semelhante a um julgamento. Melhor seria dizer que se tratava da transformação de um julgamento em salvação. Não se trata de submeter a uma lei e sim a um amor, o amor do Pai. Não se trata de cumprir ameaças de morte e sim de dar a vida.

Aqui termina a história? Não! Aqui começa a história. Pois o que o evangelho narra, o que aconteceu na missão terrestre de Jesus, na sua primeira vinda, é apenas início de uma história, de um drama que envolve a totalidade da humanidade. O julgamento renova-se e continua no mundo em que são enviados os discípulos. Importa vermos a projeção do julgamento nos discípulos.

O JULGAMENTO DOS DISCIPULOS

A síntese que o evangelista João elaborou na vida terrestre de Jesus e do seu destino vale para todos nós e para a Igreja de todos os tempos. Não foi necessário elaborar uma doutrina da Igreja. Pois o destino da Igreja acha-se anunciado no de Jesus.

Os discípulos são igualmente enviados ao mundo. “Não são do mundo” (17,14). Jesus não pede proteção, não pede que o Pai os livre dessa hora que foi a hora dele. “Não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno. Não são do mundo, como eu não sou do mundo” (17,15s).

Porém, se não são do mundo, são enviados ao mundo. “Como me enviaste ao mundo, assim eu os envio ao mundo” (17,18). Após a ressurreição essa missão é a única palavra que Jesus dirige aos discípulos: ela diz tudo. “Como o Pai me enviou, assim eu vos envio” (20,21).

O mundo reage assim como reagiu diante de Jesus, porque os enviados lhe opõem o seu testemunho. O mundo persegue-os como perseguiu a Jesus. “Expulsarão vocês das sinagogas. E vai chegar a hora em que alguém, ao matar vocês, pensará que está agradando a Deus. Eles farão assim, porque não conhecem o Pai nem a mim” (16,2s). “Se o mundo odiar vocês, saibam que odiou primeiro a mim. Se vocês fossem do mundo, o mundo amaria o que é dele. Mas o mundo odiará vocês, porque vocês não são do mundo, pois eu escolhi vocês e os tirei do mundo. Lembrem-se do que eu disse: nenhum empregado é maior do que seu patrão. Se perseguiram a mim, vão perseguir vocês também; se guardaram a minha palavra, vão guardar também a palavra de vocês. Farão isso a vocês por causa de meu nome, pois não reconhecem aquele que me enviou” (15,18-21).

Se o mundo não os enfrentasse, seriam ainda os continuadores de Jesus Cristo? A missão deve suscitar essa oposição porque ela não pode deixar de descobrir a mentira, o homicídio, o ódio que procedem do pai das mentiras e escravizam o mundo. Deixar o mundo na sua escravidão não é cumprir a missão.

Eis o desafio da missão de todos os tempos. A tentação de silêncio é grande. Não faltam motivos e justificativas. A própria preocupação pelo porvir da Igreja será a tentação mais insidiosa. Para reservar à Igreja suas possibilidades futuras, prefere-se ficar calado no presente. A defesa da institucionalização da palavra de Deus faz com que essa palavra não seja pronunciada. Guardam-na com tantos cuidados e tanta proteção que essa palavra não ressoa no mundo. Ou ela é recitada de modo tão ritual ou formal que nada atinge.

Evidentemente a Igreja nunca abandona oficialmente a palavra de Deus. Celebra-a no seu culto, proclama-a na sua pregação e ensina-a nas suas escolas. Porém há uma maneira de celebrar a palavra que equivale a um silêncio. Proclamada sem aplicação à realidade histórica, sem referência a objetos concretos, a palavra não preocupa a ninguém porque não denuncia nenhum mal real, nem mostra nenhuma forma de escravidão. Os discípulos não foram enviados para celebrar um culto e sim para enfrentar o mundo como a luz que resplandece nas trevas. Se o mundo não reagir, se os chefes do mundo não perceberem que se trata deles, será sinal de que a missão foi abandonada.

Os discípulos são chamados a dar testemunho: “Vós também dareis testemunho” (15,27). O testemunho será o das obras, em primeiro lugar: “quem crê em mim fará as obras que eu faço, e fará até maiores” (14,12). Mas será também o testemunho da palavra. Pois o Espírito estará presente e lhes dirá as mesmas palavras que Jesus dizia. “Quando vier o advogado, que eu enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai, ele dará testemunho de mim” (15,26).

Essa palavra dos discípulos torna presente o testemunho de Jesus em todas as gerações. Os seus efeitos são os próprios efeitos da missão do Filho de Deus.

Não podemos lamentar os episódios desse julgamento como se fossem acidentes na história da Igreja. Muito mais do que acidentes lastimáveis, são a própria substância da Igreja. Ela

não existe fora desse debate permanente. Os tempos de calma e de repouso são os tempos de infidelidade.

Dentro dessa missão global, cada um há de contemplar a sua própria vocação. Encontramos uma parte ou um aspecto do mundo. Portanto, o nosso testemunho será especificado por esse conjunto de circunstâncias.

De qualquer modo, o conteúdo prático da missão encontra-se nas obras que o Pai nos permite realizar. Essas obras nunca são a simples repetição das obras realizadas por Jesus. Devem ser reinventadas em cada novo contexto histórico. Não se trata necessariamente de obras institucionalizadas. Estas desviam facilmente, depois e certo tempo, da sua intenção primitiva. As obras manifestam o amor do Pai aos homens. Fazem-no de modo visível e compreensível. Não conferem a solução aos problemas da humanidade, e sim despertam a consciência humana para que os próprios homens assumam a responsabilidade da sua existência.

Naturalmente não podemos separar demais as obras dos discípulos das empresas humanas para resolver os seus problemas. Pois os discípulos são membros da sociedade humana. As suas obras se inscrevem também no conjunto das empresas humanas. Porém há certa distância que faz com que uma nova inspiração cristã tende a abrir novos caminhos.

A meditação sobre o evangelho termina aqui. Digamos: aqui termina a meditação sobre o texto escrito. Aqui começa, então, a meditação sobre o evangelho vivido. Onde termina o escrito começa a ação do Espírito. O livro do Espírito não foi escrito, e sim vivido. As gerações de cristãos são o livro vivo do Espírito. A cada geração o Espírito não se deixa fixar num livro: ele é como o vento que corre.

No debate de hoje também o Espírito está presente para tornar presente o testemunho do Filho de Deus mediante o testemunho dos discípulos. Os exemplos que podemos observar e contemplar ao redor de nós são palavras do Espírito que nos estimulam. O mundo ainda está presente desafiando a verdade. O mundo com a sua mentira e a sua opressão. O mundo com os seus interpretes que, como no Israel antigo, são muitas vezes os chefes e os responsáveis. Hoje em dia como então não se poderia repetir: “Acaso algum chefe acreditou nele? Somente esse povo desgraçado que não tem cultura, nem moralidade” (7,48)? Com a diferença de que certos chefes aprenderam a arte de manipular o próprio Jesus Cristo para fazer com que pareça dizer o contrário daquilo que realmente disse.

Contudo, no debate de hoje, a palavra de Deus está presente. Quem busca a luz saberá descobri-la e saberá descobrir o caminho da vida. “A luz refulge nas trevas e as trevas não podem ofuscá-la” (1,5).

[1] Escritor e jornalista francês, ateu, que viveu no século XX, faleceu antes da 2ª. guerra mundial. Fundou um movimento político ultra direitista, L'Action française, de tipo fascista.